

UDC 929VESDIN=134.3

82-311.8(540)"18".091=134.3

Original scientific paper

Recebido a 4 de Julho de 2006

Aceite para a publicação a 30 de Janeiro de 2007

## O "indiólogo" croata Ivan Filip Vesdin (1748-1806) e as "Índias Portuguesas"

*Nikica Talan*

*Faculdade de Letras, Zagreb*

O texto que se segue trata do grande "indiólogo" europeu de origem croata, Ivan Filip Vesdin (1748-1806), mais conhecido sob o nome de religião P. Paulinus a Sancto Bartholomaeo. A maior atenção centra-se num dos seus diários, escrito em português entre 16 de Outubro de 1786 e 2 de Março de 1789, durante a estadia do autor na Índia (Costa do Malabar). Os "protagonistas" e os acontecimentos descritos no referido diário manuscrito comparam-se depois com os "protagonistas" e acontecimentos descritos no livro mais popular e mais lido de Vesdin - *Viaggio alle Indie Orientali* (Roma, 1796), chegando-se à conclusão de que existem várias coincidências entre ambas as obras..

Entre numerosos missionários croatas que durante os quatro séculos passados pregavam a fé cristã em terras, culturas e civilizações mais longínquas do mundo houve também os que não se ocupavam apenas de mera cristianização dos indígenas, gastando uma enorme energia "aventureira" na investigação científica (etnográfica, cartográfica ou linguística), mais ou menos sistemática, do respectivo território missionário. Para além dos jesuítas Ivan Ratkaj, Ferdinand Konščak, Ignacije Szentmártony ou Nikola Ratkaj, a tal grupo de curiosos intelectuais pertencia também o carmelita descalço Ivan Filip Vesdin.

Desse célebre "indiólogo" europeu de origem croata falam muitos tratados e estudos, mas apesar disso a sua vasta obra científica,

extremamente ramificada, fica ainda por investigar, incluindo também um diário escrito em língua portuguesa. É precisamente este diário que vai ser o assunto deste trabalho em que pretendemos sumariar o que o carmelita registou sobre as suas “experiências indianas” a partir de Outubro de 1786 até Março de 1789, comparando essas notas diárias com a obra mais popular e mais lida de Vesdin, *Viaggio alle Indie Orientali* (Roma, 1796). Porém, para mais facilmente acompanharmos as observações bem “densas” e esporadicamente quase “indecifráveis” do autor, convirá referir-nos sumariamente à sua vida e obra.

Ivan Filip (João Filipe) Vesdin (cujos antepassados emigraram para a Áustria da cidade croata de Daruvar) nasceu em Cimov (Hof am Leithagebirge, província austríaca de Burgenland) em 1748.<sup>1</sup> É filho dos croatas Juraj (Jorge) Vesdin e Helena Prekuničin. Tendo acabado a escola primária em Köszeg (Güns), matriculou-se no Liceu Jesuíta de Sopron (Oedenburg) e depois na Academia de Győr (Janok, Raab), também dirigida pelos jesuítas. No ano de 1768 entrou no noviciado dos carmelitas descalços em Linz. Emitiu votos religiosos a 21 de Agosto de 1769, tendo recebido o nome religioso de Paulinus a Sancto Bartholomaeo. Mais tarde tirou o curso de Teologia no Colégio Carmelita de Praga. Após ter acabado os seus estudos, em 1773 foi enviado para Roma, mais exactamente, para o Centro Missionário de S. Pancrácio.

Com base na decisão da Propaganda Fide, foi nomeado (em Abril de 1774) missionário na Costa do Malabar (o estado federal de Kerala na Índia de hoje). Logo depois<sup>2</sup> emitiu o voto de missionário e partiu de Roma para Lisboa. Após treze meses de estadia na capital portuguesa dirigiu-se para França (Port Orient), de onde saiu rumo ao seu destino final - Índia. Tendo passado alguns meses na Costa de Coromandel, em Novembro de 1776 chegou finalmente ao Malabar, onde (na Missão de Verapoli) iria exercer várias funções eclesiásticas. No início foi um simples missionário, exercendo (no decorrer de dois anos) o cargo de vigário em Anjenga, mas em Setembro de 1779 foi nomeado<sup>3</sup> reitor do Colégio

---

<sup>1</sup> Sendo baptizado no dia 25 de Abril do mesmo ano na igreja paroquial de Cimov.

<sup>2</sup> No mês de Maio do mesmo ano.

<sup>3</sup> Pelo bispo Carolus de Calamina.

Verapoliense destinado aos sacerdotes de ambos os ritos católicos de lá: latino e sírio-caldeu. Este cargo foi exercido por ele até 1782. A partir de Outubro de 1783 até à sua partida final da Índia (no ano de 1789) Vesdin reside predominantemente em Verapoli, desempenhando as funções de visitador apostólico e vigário geral.<sup>4</sup>

Em Março de 1789 regressa à Europa para apresentar a Roma um relatório sobre a Missão de Verapoli. Aporta em França (Brest), mas está a decorrer a revolução, pelo que pretende voltar para a Índia. Acaba, porém, por partir para Roma, onde chega no início de 1790. Logo depois foi nomeado professor de várias línguas orientais, supervisionando, ao mesmo tempo, a publicação de livros destinados aos missionários. Já a partir de 1791 é membro da Academia Volscorum Veliterne, tornando-se, sete anos mais tarde (1798), membro da Academia Real de Nápoles. Após a conquista francesa de Roma (1798) retira-se para Viena, de onde regressa a Itália no princípio de 1799. Até aos meados de 1800 reside em Pádua e Veneza,<sup>5</sup> estabelecendo-se de novo em Roma em Junho do mesmo ano. Lá faz restaurar o Seminário Missionário de S. Pancrácio, tornando-se logo após o seu primeiro reitor. Em Março de 1803 foi nomeado prefeito das ciências na congregação Propaganda Fide. Em Dezembro de 1805 abandona o cargo de reitor do Seminário Missionário. Morre em Roma a 7 de Janeiro de 1806.<sup>6</sup>

Segundo o testemunho de Ivan Slamnig, no palácio da Propaganda, entre os retratos dos mais célebres missionários católicos, também está exposto o retrato de Ivan Filip Vesdin. Na casa onde o carmelita croata nasceu, o Instituto Imperial Austríaco mandou colocar uma lápide comemorativa em que se citam as palavras do Dr. Krzisch, professor do Colégio Imperial de Viena: "Vir per orbem terrarum celebratus, hujus oppiduli nec non Austriae totius decus et gloria".<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> De acordo com um decreto do Papa Clemente XI, do ano de 1700, todos os vigários gerais na Costa do Malabar deviam ser da ordem dos carmelitas descalços.

<sup>5</sup> Em Pádua foi bibliotecário da biblioteca pública local, sendo também nomeado membro da Academia Imperial e Real de Pádua.

<sup>6</sup> Provavelmente em consequência de pneumonia.

<sup>7</sup> Cf.: Slamnig, Ivan: "Ivan Filip Vesdin /1748-1806/, pionir evropske indologije i komparativne filologije" ("Ivan Filip Vesdin /1748-1806/, pioneiro da indologia e filologia

No que diz respeito à obra heterogénea de Vesdin, deve-se salientar que o seu autor não tinha um grande número de modelos a seguir num tempo em que a indologia ainda estava por constituir: "Na maioria dos seus trabalhos científicos, ele seguia os caminhos ainda não batidos, abrindo assim, por exemplo, problemas e experimentando métodos de solução de analogias linguísticas que no início do séc. XIX levariam à criação de uma linguística comparativa indo-europeia. Foi também pioneiro da numismática indiana, mas antes de mais pertence-lhe um lugar de honra como pioneiro da indologia europeia..."<sup>8</sup>

Esse lugar, o carmelita erudito iria adquiri-lo pela sua gramática sânscrita (primeira do género publicada no solo europeu!),<sup>9</sup> mas também pelo livro por muitos considerado como obra mais importante de Vesdin - *Systema Brahmanicum* (Roma, 1791).<sup>10</sup> Às obras mencionadas devem ser acrescentados mais dois tratados (primeiros estudos cientificamente argumentados, relativos à semelhança de línguas indo-europeias) - *De antiquitate et affinitate linguae zendicae, samscrdamicae et germanicae* (Pádua, 1799) e *De latini sermonis origine et cum orientalibus connexione* (Roma, 1802), tal como o já citado livro de viagens *Viaggio alle Indie orientali*.

"A obra mais popular de Vesdin, originalmente escrita em italiano, *Viaggio alle Indie Orientali*, livro de viagens que ao mesmo tempo representa uma espécie de compêndio contendo vários dados da área geográfica e histórico-cultural - dados esses relativos não apenas à vida social e religiosa, como também à música, arte e literatura indiana, foi muito lida no seu tempo. Foi traduzida para alemão, francês, inglês e sueco, sendo a sua tradução francesa acompanhada por um comentário muito amplo e polémico, feito pelos maiores orientalistas franceses da época..."<sup>11</sup>

---

comparada europeia"), in: "Građa za povijest književnosti hrvatske" ("Fontes para a história da literatura croata"), n.º 33, Zagreb, 1991, p. 18.

<sup>8</sup> Cf.: Matišić, Zdravka: "Ivan Filip Vesdin (stanje i perspektive istraživanja)" ("Ivan Filip Vesdin - situação actual e perspectivas de investigação"), in: *Trava od srca: hrvatske Indije II (Erva do Coração: Índias Croatas II)*, Sekcija za orijentalistiku Hrvatskoga filološkog društva, Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu, Zagreb, 2000, p. 554.

<sup>9</sup> Foi publicada (sob o nome *Sidharubam seu grammatica samscrdamica*) em Roma no ano de 1790.

<sup>10</sup> Trata-se de uma espécie de exposição sumária do sistema religioso e político da Índia bramânica da época.

<sup>11</sup> Matišić, Zdravka: op. cit., págs. 554-555.

Numa lista, feita por Ivan Slamnig, mencionam-se mesmo 32 obras publicadas de Vesdin,<sup>12</sup> sendo o número das (ainda) não publicadas muito maior. Se somarmos a isso as obras de Vesdin em manuscrito (cartas, diários, escritos religiosos e jurídicos, trabalhos relativos à história e geografia indianas, textos dedicados às línguas malaiala e sânscrita, vários escritos linguísticos, tal como obras normalmente classificadas na rubrica "Miscelânea"), chegaremos a um número impressionante de 74 trabalhos, alguns dos quais entram no corpus de beletrística.<sup>13</sup> Todas estas obras, quer publicadas, quer em manuscrito, estão escritas em várias línguas (latim, italiano, alemão, português, francês, inglês, malaiala e sânscrito) dominadas soberanamente por Ivan Filip Vesdin.

Em língua portuguesa, que neste contexto mais nos interessa, Vesdin deixou (quanto é do nosso conhecimento<sup>14</sup>) algumas cartas, um diário e uma gramática anglo-portuguesa, dedicada ao rei de Travancor, Rama Varma. A gramática tem o título: *Grammatica Malavar-Ingleza e Portugueza-Ingleza para o uso de sua Majestade el Rey de Travancor*. As regras gramaticais explicam-se na língua local - malaiala, assim como em português, sendo o texto e os exemplos escritos em inglês e traduzidos para malaiala. A gramática também contém um anexo: dicionário malaiala-ínglês-português. A gramática propriamente dita foi feita entre 15 de Janeiro e 5 de Abril de 1784, tendo sido entregue ao rei a 21 de Abril do mesmo ano.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Cf. o artigo supracitado de Ivan Slamnig, págs. 19-23.

<sup>13</sup> A lista de Slamnig é tomada do P. Lamberto Acyutananda, carmelita descalço do seminário de S. José em Carmelgiri (Alwaye, Kerala). Esse carmelita sistematizou e completou a bibliografia já existente de Vesdin, feita por um outro carmelita descalço, Ambrosius a S. Teresia ("Bio-bibliographia missionaria O. C. D.", Curia Generalitia, Roma, 1940). Cf. o referido artigo de Ivan Slamnig, p. 23.

<sup>14</sup> Com base na bibliografia de Ivan Slamnig (cf. a nota n.º 7).

<sup>15</sup> Eis como o próprio Vesdin descreve a alegria do rei aquando da entrega da referida gramática: "Nel 1784. nel Mese di Aprile gli economi del tempio di *Shiva*, chiamato *Tirumaladēvassam*, in *Mattincera* avevano proibito ai PP. Missionari di seminar il campo di riso, che questi tenevano in affitto. Era difficile di trovare subito un altro campo. La lite fu portata al governo di Coccino; ma siccome il campo stava nel territorio del Re di *Travancor*, toccommi un' altra volta di andar a *Padmanāburam* colle lettere del Sig. G. *Van Angelbeck* Governatore di Coccino per sollecitare un altro rescritto del Re. Arrivai in *Padmanāburam* alli 21. de Aprile. Portavo meco la Grammatica Malabar-Inglese-Portoghese da me composta in *Ciāttiyati*, che il Re m' aveva chiesta per far insegnare

Quanto aos diários de Vesdin, saliente-se que até agora apenas uma pequena parte deles foi publicada por iniciativa de Leopold Wetzl i D. Ferroli. Certos parágrafos destes diários foram publicados por Ferroli, no livro *The Jesuits in Malabar* (Bangalore, 1951), enquanto que Wetzl fez publicar (no livro *Der Österreichische Karmelit Paulinus a Sancto Bartholomaeo*, Viena, 1936, págs. 41-58) algumas passagens do diário de Vesdin escrito entre 18 de Janeiro e 17 de Julho de 1776.<sup>16</sup>

Dos cinco manuscritos preservados dos diários de Vesdin (registados por Slamnig<sup>17</sup>), o primeiro (escrito em língua alemã) abrange o período de 17 de Abril de 1774 a 18 de Janeiro de 1776 ("Diarium Fr. P... a. 1774", Biblioteca Nazionale Vittorio Emmanuele, 195/18, 144 págs.), o segundo (também escrito em alemão) inclui o período de 18 de Janeiro a 17 de Julho de 1776 ("Diarium Fr. P... 1776"), o terceiro (escrito em latim<sup>18</sup>) compreende o período entre 11 de Janeiro de 1777 e 6 de Outubro de 1787 ("Diarium circa Malabariam",<sup>19</sup> Archivio Generale O. C. D., 293/d, 165 págs.), o quarto é este nosso "Diário Português" de que falaremos mais adiante,

---

la lingua Inglese e Portoghese per mezzo della malabarica alli camerieri suoi. Subito che il Re seppe il mio arrivo mandò *Padmanàbhenpulla* e *Payampalli Curipu*, due giovani nobili e suoi camerieri, a complimentarmi prima che io l' avessi veduto. Fui condotto all' udienza del Re dentro il palazzo, ove il Re sedeva nella *Varànda*, o portico, sopra un tappeto Persiano per terra, appoggiato ad un cuscino grande di veluto, contornato di galloni d' oro. E' indicibile l' allegria che dimostrò il Re, quando consegnai la grammatica nelle di lui proprie mani. Egli subito fece venire in presenza sua i suddetti due giovani nobili, e mostrando ad esse la grammatica, raccomandava lo studio della medesima, facendo lor vedere la necessità di studiare queste lingue per causa del tratto continuo, che li Re e Ministri hanno cogli Europei. In questa circostanza ebbi dal Rei in regalo una maniglia d' oro, uno stile d' oro per scrivere sopra le foglie di palma, e un coltellino d' oro per aggiustarle; insieme con una sua lettera al Ministro di *Parur* per pubblicare, che sono stato onorato dal Re, e diventato cavaliere della sua corte..." (*Viaggio alle Indie Orientali Umiliato alla Santità di N. S. Papa Pio Sesto Pontefice Massimo da Fra Paolino da S. Bartolomeo Carmelitano Scalzo*, Roma, 1796, págs. 131-132.)

<sup>16</sup> O manuscrito desse diário encontra-se (sob o título "Diarium Fr. P... 1776") na Bibliotheca Conventu O. C. D., em Montecompatri.

<sup>17</sup> No artigo mencionado, p. 24 (cf. a nota n.º 7).

<sup>18</sup> Apenas a última folha é escrita em português.

<sup>19</sup> O diário é precedido pelo "Catalogus expensarum, necnon alia notatu digna circa iter indicum Fr. P...".

enquanto o quinto se relaciona com o período de 11 de Janeiro de 1798 a 3 de Novembro de 1804 (BN Vittorio Emmanuele, "Fondi minori", mss 1780. "Varia", mss 292, "Diarium... et computus...", 25 págs.).

O manuscrito do "Diário Português" de Ivan Filip Vesdin (como foi coloquialmente designado por nós) abrange 74 páginas das notas diárias de Vesdin em língua portuguesa. Conserva-se na Biblioteca Nazionale Vittorio Emmanuele em Roma, sob a cota 143/32, compreendendo o período entre 16 de Outubro de 1786 e 2 de Março de 1789. Na sua primeira página (mais exactamente, na p. zero<sup>20</sup>) lê-se claramente uma nota autoral, a partir da qual chegamos a saber que em Maio de 1790 um livro de viagens de Vesdin<sup>21</sup> se encontrava na posse do prior conventual Bennone di S. Apollonia.<sup>22</sup> Por cima da nota mencionada (no ângulo superior esquerdo) está registado o nome do convento em que o carmelita croata residiu em finais da sua vida:<sup>23</sup> Maria della Scala.<sup>24</sup> No fundo da página lêem-se as palavras "Jesus" e "Maria", e debaixo delas existe um arabesco simples.

Pelo que respeita à legibilidade do manuscrito, na primitiva redacção notam-se grandes modificações em determinadas partes do texto, daí resultando que em certas passagens extremamente legível, enquanto noutras é preciso fazer bastante esforço para decifrá-lo. Isso, porém, não representa um problema muito difícil para o leitor, visto que, com base num método comparativo, tal como através do contexto propriamente dito, é possível resolver de um modo relativamente fácil o maior número das dificuldades de carácter grafológico<sup>25</sup> (exceptuando-se alguns nomes próprios e geográficos).

Ao ler o "Diário Português" fica-se com a impressão de que Vesdin (devido aos numerosos compromissos pastorais, bem como a variadíssimas

---

<sup>20</sup> Uma vez que a paginação "improvisada" do diário começa de facto na segunda página.

<sup>21</sup> Escrito em língua alemã.

<sup>22</sup> "Bennone di S. Apollonia P. Priore de Augusta ha avuto il mio viaggio in Tedesco nel Mayo 1790."

<sup>23</sup> E em que também faleceu.

<sup>24</sup> Acima do nome do convento está escrito o número "22".

<sup>25</sup> Incluindo também numerosas abreviaturas presentes em quase todas as páginas do diário.

preocupações científicas e políticas) muitas vezes não tinha tempo suficiente para registar regularmente os acontecimentos mais importantes do dia a dia, pelo que, às vezes, estando com muita pressa, costumava "atirar" para o papel um monte de dados e informações que só ele era capaz de compreender.<sup>26</sup> É mais do que óbvio que o diário mencionado do erudito carmelita não estava destinado a leitores, ou seja, a uma eventual publicação posterior, mas sim ao uso pessoal, como uma espécie de "vade-mécum", registando os lugares e acontecimentos relevantes para o autor - "vade-mécum" esse que mais tarde, caso se oferecesse a ocasião, poderia ser aproveitado nalgumas outras obras de Vesdin (por ex., no livro de viagens *Viaggio alle Indie Orientali*<sup>27</sup>).

Embora seja indubitável que Vesdin não dominava completamente a língua de Camões, pelo menos tão bem como dominava a de Dante,<sup>28</sup> se ele realmente tivesse estado interessado em publicar o "Diário Português", ter-se-ia esforçado para apurá-lo sintacticamente a fim de certas frases não se assemelharem aos intransitáveis labirintos semânticos pelos quais o texto do referido diário, como um todo, parece intraduzível. Se compararmos, por ex., a linguagem, ou seja, o estilo do "Diário Português" com a linguagem, isto é, com o estilo do *Viaggio alle Indie Orientali*, notaremos que o estilo do livro de viagens é verdadeiramente "íntimo", despretensioso, gramatical e ortograficamente "indomado", diferentemente do estilo elegante, "gracioso", gramatical e ortograficamente apurado do livro de viagens.

O que mais dificulta a leitura e a compreensão do "Diário Português" é uma falta "crónica" de sinais de pontuação que, no caso de serem rigorosamente aplicados, ajudariam grandemente aquando de uma decifração sintáctica e, claro está, semântica do texto. Sem eles, por cima do diário "paira" constantemente um mistério frustrante do tipo "ibis redibis...", ficando ao leitor (ou um potencial tradutor) reservado o

---

<sup>26</sup> Nesse sentido é, por ex., particularmente indicativa a página 48, em que abundam diversos factos, referidos quase ao acaso.

<sup>27</sup> O que, como veremos, realmente aconteceu.

<sup>28</sup> O que se pode ver comparando o *Viaggio alle Indie Orientali* e o manuscrito do "Diário Português".



papel ingrato e perigoso de ser artífice do sentido dentro de uma massa, aparentemente absurda e caótica, de variadíssimos dados.

Como única solução razoável (com o objectivo de ponderar e revalorizar sistematicamente a rica herança manuscrita de Vesdin) impõe-se, por isso, uma leitura cautelosa e "condicional" do "Diário Português" no contexto dos acontecimentos descritos pelo carmelita croata nos seus livros destinados ao público, antes de mais no livro de viagens *Viaggio alle Indie Orientali*, que é, do ponto de vista de "conteúdo", a obra mais próxima do referido diário. Saliente-se, porém, que esse diário, embora designado como "português", não é escrito apenas em português, mas também em latim e francês, com citações esporádicas em grego, malaiala, sânscrito e outras línguas. Mas uma vez que (com base numa avaliação nossa feita a olho nu) cerca de 95 % do texto é escrito em português, e uma vez que um dos temas centrais do diário é precisamente o conflito entre as duas esferas de interesse na área de missionarismo (a esfera *portuguesa* e a romana), parece-nos que o sintagma "Diário Português" não é inadequado às notas diárias de Vesdin feitas a partir do último quartel de 1786 até ao primeiro quarto de 1789.

Durante esses dois anos e meio Vesdin consegue registar não só comoventes testemunhos pessoais (quer os seus próprios, quer os dos outros "protagonistas" do diário), como também vários escândalos e mexericos, mais ou menos sensacionais, ligados principalmente ao que poderíamos designar por uma diplomacia "subterrânea", de origem eclesiástica e civil. Na perspectiva de hoje, a maioria dos acontecimentos descritos no "Diário Português" (não raras vezes com uma minúcia naturalista!) parece-nos mais cómicos do que trágicos, interessando apenas a qualquer imprensa sensacionalista ou para os factos do dia, mas na perspectiva do tempo de Vesdin, todos esses acontecimentos (considerados num contexto mais largo, hoje dir-se-ia "global") tiveram para os seus participantes um significado existencial.

No fundo, todo o conteúdo do "Diário Português" é reduzível a um único problema central que, como uma espécie de *leitmotiv*, quer de uma maneira directa quer indirecta, aparece constantemente em quase todas as observações do autor - problema de uma inculturação falhada do catolicismo (romano) no vasto e extremamente povoado território

indiano, o que levou aos conflitos incessantes não só entre os cristãos, os hinduístas e os muçulmanos, como também entre várias igrejas cristãs ou mesmo entre várias partes adversárias dentro da própria Igreja Católica. Mas, para compreendermos melhor essa constante guerra psicológica (aparentemente de carácter religioso) entre os católicos, isto é, cristãos indianos (ou melhor, malabáricos) daquele tempo ("guerra" que não tinha minimamente a ver com a religião propriamente dita!), é preciso chamar à memória alguns dados históricos.

Como é do conhecimento geral, ainda hoje os cristãos malabares gostam de chamar-se "cristãos de S. Tomé", considerando-se como descendentes directos deste apóstolo, que (segundo a tradição) chegou à Índia no ano de 52, tendo desembarcado na costa sudoeste do Malabar, mais exactamente, na cidade de Kodungallur. Lá fundou várias comunidades cristãs, razão pela qual os malabares acreditam que pertencem a uma antiquíssima Igreja cristã que muito cedo desenvolveu a sua organização eclesiástica. Segundo essa mesma tradição, S. Tomé morreu, mártir, na Índia, sendo o seu corpo sepultado em Meliapor (que hoje faz parte da cidade de Madrastra).

Estando a Igreja "de S. Tomé" fora do antigo Império Romano, os seus contactos com a Igreja Romana e com o próprio sucessor de S. Pedro foram muito raros, o que fez com que os cristãos de S. Tomé se ligassem aos patriarcas da Síria Oriental. É precisamente daí que provém o outro nome destes cristãos: Igreja Siromalabar. Embora nunca tivessem aceitado as doutrinas do Nestorianismo, devido a várias circunstâncias históricas reconheciam o chefe supremo nestoriano como Patriarca de todo o Oriente. Após a chegada dos portugueses à Índia, os siromalabares acabaram por estar expostos à mercê da recém-estabelecida hierarquia eclesiástica portuguesa que, pouco a pouco, os ia incluindo na sua jurisdição, desconfiando permanentemente deles por causa de uma suposta heresia nestoriana, queimando os seus livros litúrgicos e impondo-lhes à força o ritual romano. Em finais do séc. XVI (durante o Concílio em Udayamperoor no ano de 1599) os cristãos de S. Tomé foram obrigados a renegar publicamente o Nestorianismo e prestar obediência ao Papa.

Um tratamento extremamente indelicado de uma parte dos prelados portugueses relativamente aos cristãos malabáricos fez, porém, com que um grupo destes se opusesse aos decretos conciliares, valendo-se

da ajuda do patriarca jacobita em Jerusalém, que, em 1665, mandou para a Costa do Malabar alguns bispos monofisitas, sendo assim criada a Igreja Jacobita da Índia. Alguns séculos mais tarde, as consequências catastróficas de uma latinização violenta dos católicos malabares seriam parcialmente reduzidas pelo Papa Leão XIII, que iria nomear bispos nativos, deslatinizando-lhes o ritual e restituindo-lhes, para o uso litúrgico, a língua malaiala. Mas uma experiência bem amarga com a hierarquia eclesiástica portuguesa (experiência essa de que, sem quaisquer rodeios, Vesdin fala no seu "Diário Português") deixaria um vestígio indelével nos orgulhosos cristãos de S. Tomé.<sup>29</sup>

A relação extremamente complexa por si só entre católicos "ortodoxos" indianos (do rito latino) e "cismáticos" de várias proveniências seria mais ainda agravada por um conflito permanente (ora latente, ora aberto) entre os chamados "propagandistas" (da congregação romana Propaganda Fide) e o clero do Padroado português. Esse conflito ia culminar precisamente no tempo da estadia de Ivan Filip Vesdin na Índia, influenciando grandemente a sua vida e comportamento, o que podemos indubitavelmente concluir a partir da leitura do "Diário Português".

É de lembrar que, tal como no caso dos reis espanhóis, também os reis portugueses tinham o privilégio de nomear certos dignitários eclesiásticos, incluindo (a partir de 1740<sup>30</sup>) os próprios (arce)bispos. Esse privilégio abrangia também todos os ex-territórios portugueses na Índia, isto é, na Ásia. Os referidos territórios estavam sob a jurisdição do chamado Padroado Português do Oriente, que tinha um certo monopólio sobre a propagação do Evangelho por todo o continente asiático - monopólio esse gravemente ameaçado por alguns dos actos unilaterais da Propaganda no início dos anos setenta do séc. XVII.

No princípio, as relações entre a recém-fundada congregação vaticana encarregada da propagação da fé e o Padroado Português<sup>31</sup> eram muito

---

<sup>29</sup> Todos os dados relativos à Igreja Católica do Malabar foram retirados do suplemento mensal do semanário católico croata "Glas Koncila" ("A Voz do Concílio"), de 8 de Janeiro de 2006, p. 12.

<sup>30</sup> Pela decisão do Papa Bento XIV, de 11 de Dezembro do referido ano.

<sup>31</sup> Estas relações são bastante pormenorizadamente descritas na *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Ed. Século XXI), Editorial Verbo, Lisboa-São Paulo, 1998, vol. XXI,

boas, o que se pode explicar pelo facto de que a Propaganda foi estabelecida durante a ocupação espanhola de Portugal (1622). Porém, logo após a proclamação da independência portuguesa (1640) essas relações iam-se tornando cada vez mais tensas. No momento da fundação da congregação mencionada todo o Oriente estava jurisdicionalmente subordinado ao Padroado Português, pelo que a Propaganda, enviando sistematicamente para lá os seus vigários apostólicos, franceses, aconselhou a evitar quaisquer conflitos com Portugal e os portugueses. Uma das medidas de prevenção para que tal não acontecesse foi a ordem segundo a qual os missionários da Propaganda (vulgarmente chamados "propagandistas"<sup>32</sup>) deviam abster-se da evangelização nos territórios onde houvesse já missionários portugueses.

Infelizmente, as ordens da Propaganda eram pouco respeitadas na realidade, uma vez que os propagandistas evitavam as terras ainda não evangelizadas, sendo estas pouco ou nada atraentes, pelo que normalmente optavam por ficar nas áreas da missão portuguesa. O período mais crítico nas relações entre Portugal e a Propaganda foi a partir de 1658 (ano em que foram nomeados os primeiros vigários apostólicos<sup>33</sup>) até 1668, quando a Santa Sé, após muitos anos de hesitação, finalmente reconheceu a independência portuguesa. Porém, os problemas na relação Lisboa - Vaticano continuariam a surgir também mais tarde, apesar de um breve de Clemente X, de 22 de Setembro de 1670, ter afirmado que Portugal mantinha todos os seus antigos direitos de padroado sobre as áreas missionárias ultramarinas. O problema mais grave foi um sistema extremamente absurdo de dupla jurisdição - sistema esse que não agradou a nenhuma das partes adversárias, mas que acabou por ser mais propício para os missionários da Propaganda. Tal sistema também foi aplicado no território das antigas "Índias Portuguesas", tanto na Costa do Malabar, como na de Coromandel. É de destacar que foi precisamente ali que o

---

págs. 1258-1267. Obra fundamental para essa questão é a de António da Silva Rego, *O Padroado Português do Oriente – esboço histórico*, Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1940.

<sup>32</sup> Este termo também é utilizado por Vesdin, no seu "Diário Português".

<sup>33</sup> Apoiados grandemente pelo rei francês Luís XIV.

conflito entre o clero português e o da Propaganda chegou a conhecer maiores tensões.

Na Costa do Malabar, Portugal possuía duas dioceses: uma com sede em Cochim e outra com sede em Angamale ou Cranganor. Depois da chegada dos propagandistas, também nessas dioceses foi introduzida a referida dupla jurisdição eclesiástica. Na Costa de Coromandel existia apenas uma diocese portuguesa: a de Meliapor.<sup>34</sup> Embora já houvesse muito tempo que, em toda essa área, os interesses económico-políticos dos portugueses tinham entrado em colisão com os dos ingleses, franceses e holandeses, mesmo assim o Padroado Português conseguiu manter-se até 1776. Mas visto que a França possuía várias feitorias nessa costa,<sup>35</sup> o governo francês em todas elas aboliu a jurisdição portuguesa. Segundo uma prática já costumada, a Santa Sé pura e simplesmente reconheceu a nova situação - situação essa extremamente frustrante para os portugueses.

Em tal conglomerado de várias "esferas de interesse", que na maior parte se iam reflectindo na religião propriamente dita (ou, mais exactamente, em várias estruturas hierárquicas da Igreja), encontrava-se também (por acaso ou não?!) Ivan Filip Vesdin. Poder-se-ia mesmo dizer que o conflito veemente das referidas "esferas" - conflito que ganha a maior expressão nas relações entre os portugueses e os propagandistas está no fundo de quase todos os acontecimentos descritos no "Diário Português". Vesdin refere-se a esse conflito em muitas páginas do diário,<sup>36</sup> particularmente na p. 37, onde exorta o indeciso bispo verapoliense (que quis seguir os conselhos da Propaganda quanto às relações de boa vizinhança com os portugueses, custasse o que custasse) a que se contrapusesse ao bispo de Cochim,<sup>37</sup> conhecido pelo seu envolvimento em várias conspirações.

É interessante que o nosso carmelita não esconda de maneira nenhuma a sua aversão relativamente aos portugueses, o que consta tanto do "Diário

---

<sup>34</sup> O conflito entre o bispo de Meliapor e a Santa Sé foi descrito por Vesdin no seu *Viaggio alle Indie Orientali*, p. 42.

<sup>35</sup> A mais conhecida delas estava situada em Pondichery.

<sup>36</sup> Cf., por ex., págs. 11, 15, 37, 64 e 65.

<sup>37</sup> De que falaremos mais adiante.

Português",<sup>38</sup> como do livro de viagens *Viaggio alle Indie Orientali*.<sup>39</sup> Para além de uma crítica directa ou indirecta aos portugueses, Vesdin salienta<sup>40</sup> a sua obsessão quase mórbida pelo antigo direito de padroado sobre os territórios missionários na Índia e Ásia em geral. Assim, por ex., numa nota do diário, datada de 23 de Novembro de 1788 (p. 63), traz a declaração de um capitão "cismático" de Madrasta, Arcanjo de Voltágio, segundo a qual "os Portuguezes absolutamente querem o seu *jus Patronatus*, e tirar fora todos os outros missionarios de outros Reis e Propagandistas em Madrast e na Costa Coromandel...", enquanto que no *Viaggio alle Indie Orientali* refere o exemplo do bispo português de Meliapor que tenciona apropriar-se das igrejas não-portuguesas, antigamente na posse dos jesuítas.<sup>41</sup>

No conflito violento e sem tréguas entre as duas partes adversárias - os portugueses e os propagandistas - estavam quase sempre incluídos os crentes simples, quer "ortodoxos" (na unidade com o sucessor de S. Pedro), quer "cismáticos" (como Vesdin, imitando nisso o exemplo de outros missionários católicos europeus, chama àqueles cristãos de S. Tomé que romperam os laços com Roma). Estes cristãos autóctones de S. Tomé, conhecidos também sob o nome de *mapulas*,<sup>42</sup> são protagonistas de muitas conjurações tramadas pelos portugueses ou propagandistas. Para além deles, no seu "Diário Português" Vesdin também menciona (a título de conspiradores!) vários catanares (ou caçanares) - sacerdotes da Igreja

---

<sup>38</sup> Os portugueses mencionam-se nas págs. 3, 4, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 26, 30, 32, 37, 46, 63 e 72, sendo a atitude negativa do autor para com eles mais expressa na p. 46, onde se comenta (de um modo extremamente irónico) o comportamento do bispo cochinchense, arcebispo goês e vice-rei português na Índia.

<sup>39</sup> Cf., por ex., págs. 85 e 88 desse livro.

<sup>40</sup> Quer no diário, quer no livro de viagens.

<sup>41</sup> "Le chiese principali, che li Gesuiti possedevano nel regno Madura sono *Madura, Tindacalla, Aür, Illipiúr, Puratacudi, Ayambel, Conacupam*; e in Tangiaur *Vàrugapatti, Sirgani, Tanjaur, Suran, Camanaichenpatti, Tirnavèli*. Il vicario Apostolico Monsig. *Dolicha* risiede in *Puduceri* od in *Ariancopan*, ed è uno del corpo de' Missionari stranieri di Parigi. Il Vescovo Portoghese di *Mailapuri* si arroga il diritto di provvedere queste Chiese, che nè da lui, nè dai Portoghesi furono fondate; ma la S. Sede proibisce la di lui guirisdizione in quelli luoghi, che non dipendono dai Portoghesi." (p. 42)

<sup>42</sup> No "Diário Português", *mapulas* mencionam-se nas págs. 16, 38, 40, 50, 57, 61, 62, 63, 65, 66, 70, 71, etc. e no livro de viagens, *Viaggio alle Indie Orientali*, nas págs. 105 e 129-130.

Siromalabar, que não raras vezes "sofriam" de ambições extremamente terrenas.<sup>43</sup>

Eis como esta "calda" cristã é descrita pelo carmelita croata no livro *Viaggio alle Indie Orientali*: "Monsignor Fiorenzio di Gesù Carmelitano Scalzo Vescovo Ariopolitano e Vicario Apostolico del Malabar contò nel 1771 novanta quattro mila è seicento Cristiani di S. Tommaso Cattolici; e loro stessi, dovendo nel 1787 far una contribuzione al Re di *Travancor* e di *Coccino*, contarono centomila persone cattoliche atte al pagamento. Io devo ribattere da questo numero le perdite che fece questa Cristianità per la guerra di *Tipu Sultan*, e per le malattie che la seguirono, colle quali morirono incirca diecimila Cattolici: resteranno novantamila Cristiani Cattolici del rito Siro-Caldaico, questo hanno, 64 chiese, delle quali alcune sono state abbattute da *Tipu Sultan*. Aggiungiamo a questo conto 32 chiese Scismatiche giacobite del rito Siro Caldaico, che danno cinquantamila Cristiani Scismatici, restano cento quarantamila Cristiani del rito Caldaico. A questo numero devono agguingersi 75 chiese de' Pescatori *Mucua*, e de' *Parava* alla costa *Travancor*, e 20 Chiese parimente di rito Latino, che si ritrovano da *Porrocàda* fino al monte *D' Illi*. Tutte queste Chiese contano più di centomila Cristiani nuovi di rito Latino, che furono convertiti alla Fede di Gesù Cristo..."<sup>44</sup>

Mas uma latinização constante e pérfida ou, mais precisamente, uma europeização bem agressiva de muitos cristãos malabares fez, entre outras coisas, com que grande parte deles não tomasse a sério a sua lealdade a Roma, pelo que foram frequentemente vítimas do proselitismo, tanto dos católicos "ortodoxos", como dos "cismáticos". Saliente-se que quase todas as passagens dos "ortodoxos" para os "cismáticos" e vice-versa foram motivadas política e económica e não religiosamente.

De resto, mostra-o também o exemplo de um bispo cismático, chamado Mar<sup>45</sup> Thoma, cujo "caso" aparece na maioria das páginas do diário de Vesdin. Como um político bem hábil, Mar Thoma chegou à conclusão de que poderia tirar proveito de uma eventual união com os católicos.

---

<sup>43</sup> Cf., por ex., págs. 6, 7, 40, 48, 50 e 57 do "Diário Português".

<sup>44</sup> *Viaggio alle Indie Orientali*, p. 109.

<sup>45</sup> *Mar* é o título dos bispos do rito sírio-caldeu.

Foi por isso que em 1787 substituiu o rito jacobita ou sírio-ocidental (até então válido na Igreja à qual pertencia<sup>46</sup>) pelo rito caldeu ou sírio-oriental, quase idêntico ao rito católico da época. Aconteceu, porém, que a maioria dos leigos "cismáticos" não quis unir-se à Igreja Católica, para o que, certamente, contribuiu o facto de que uma parte dos catanares rejeitava os artigos da fé católica aceites (no papel) pelo seu chefe supremo Mar Thoma.<sup>47</sup> Com grande pena dos religiosos verapolienses (aos quais tinha que entregar todas as igrejas cismáticas), o referido bispo, tendo antes pesado bem todos os argumentos pró e contra, acabou por não se unir aos católicos.<sup>48</sup> O seu acto foi, de certeza, motivado por razões económicas e financeiras e não religiosas, como, de resto, consta do próprio "Diário Português".<sup>49</sup>

Outro grande "caso", que também aparece em muitas páginas do diário, é o do bispo Cariati. É de mencionar que, apesar de numerosas informações oferecidas por Vesdin relativamente a este homem assaz misterioso, é muito difícil, quase impossível, reconstruir tanto a sua biografia como o papel verdadeiro durante as agitações religiosas, ou seja, políticas, na Costa do Malabar daquele tempo. Porém, do "Diário Português" deduz-se, com uma certeza bastante grande, que se trata de mais um bispo cismático de comportamento moralmente repreensível. Consta também de uma declaração do general holandês e governador de Cochim, Edeler João Gerard van Angelbeck, segundo a qual "Deos emendou o erro que a Rainha de Portugal tem feito em fazer o Cariati Bispo".<sup>50</sup> É curioso que ninguém tenha conseguido esclarecer as circunstâncias da morte deste bispo. Os mapulas e catanares divulgaram que tinha sido morto pelos missionários verapolienses, pelo que estes (a 5 de Dezembro de 1786) decidiram fazer uma campanha com o fim de provar tratar-se de uma mera calúnia. Depois de muitas peripécias (descritas pormenorizadamente por Vesdin no diário) os carmelitas de

---

<sup>46</sup> Trata-se, claro está, da Igreja Jacobita da Índia.

<sup>47</sup> Cf. p. 54 do "Diário Português".

<sup>48</sup> Essa decisão foi tomada em Novembro de 1788.

<sup>49</sup> Cf. págs. 61-62.

<sup>50</sup> "Diário Português", p. 1.



Verapoli conseguiram, porém, refutar a referida calúnia, enquanto que os caluniadores foram obrigados a admitir a derrota.<sup>51</sup>

Por detrás deste acto infame contra os carmelitas (mas, igualmente assim, contra todos os outros missionários europeus no Malabar) estava, de certeza, o “celebre Cristiano” (como é descrito por Vesdin no *Viaggio alle Indie Orientali*<sup>52</sup>) Matu Taraguen, cujas numerosas intrigas à custa do clero europeu ocupam grande parte do “Diário Português”. Taraguen é iniciador e chefe principal da revolta feita pelos mapulas contra o clero europeu (sobretudo contra os propagandistas), de conluio com o bispo cochinchense.<sup>53</sup> Segundo Vesdin, trata-se de um “homem secular, ambicioso, e capricioso”, que “nem entendeu a Religiao, nem obediencia”, buscando apenas “o interesse do Rey, e a sua ambição”.<sup>54</sup>

Essa “ambição” foi, porém, grandemente perturbada pelos carmelitas e outros religiosos “brancos”. Por isso, estes tinham que ser desacreditados junto do rei “local” de Travancor e declarados “inimigos do povo” para que assim mais facilmente caíssem nos laços armados por Matu Taraguen e os partidários deste. Nesse sentido, a tarefa de Taraguen foi sensivelmente facilitada por uma anarquia total que reinava nas estruturas eclesiásticas locais. Sobre essa anarquia, tal como sobre outros problemas que agravavam as relações entre os indígenas indianos e os missionários europeus (incluindo, entende-se, na Índia já naturalizados carmelitas descalços) Vesdin fala nas suas “Reflexões” que fazem parte do “Diário Português”.<sup>55</sup>

Logo no início das “Reflexões” mencionadas deparamos com uma atitude muito interessante, omissa (sic!) na obra que parcialmente se baseia no diário propriamente dito - *Viaggio alle Indie Orientali*:<sup>56</sup>

Entregar a religiao as cabeças Indianas he entregar hum Cego ao outro Cego de conduzi-lo, pois o Character de inconstança as ideas de sua terra

---

<sup>51</sup> Cf. p. 116 da obra citada.

<sup>52</sup> Op. cit, p. 116.

<sup>53</sup> Ibid, p. 18.

<sup>54</sup> Ibid, p. 15.

<sup>55</sup> Cf. a obra citada, págs. 15 e 16.

e nação e o coração não mudam com um pouco de Theologia que os Alunos aprendem. a multidão dos Pastores e o espírito de inconstância no povo, já há a Causa que agora não obedecem a nenhum Pastor em espécie, mas dizem que basta que o Pastor seja Católico qualquer que ele for, para recolhê-lo a administrá-los os sacramentos...<sup>57</sup>

Por isso não admira - continua Vesdin o seu diário - os próprios vigários apostólicos não terem autoridade alguma aos olhos dos "vagabundos" que, sem qualquer medo e razão, "gritam que se farão schismaticos". No que diz respeito aos carmelitas propriamente ditos, eles conservaram-se lá tanto tempo graças à sua pobreza e paciência:

E se alguns excederam na temperança no vinho foy causa esta mesma pobreza pois sem vinho sem pão Logo mudar todo o seu natural, e costume Europeo seria mais do que heroico em hum Lugar que as fadigas e a impertinencia da gente a lutar a disfazem totalmente o missionario que as vezes está com fome e sede, com quentura, com negocios sem sonho, e descanso per 15, 20 dias na mesma Igreja acabando disputas e negocios os mais Criticos...<sup>58</sup>

Na disputa do bispo de Cochim com o rei de Travancor - escreve mais adiante o "indiólogo" croata - os carmelitas ficaram de parte, porque no caso de se terem juntado ao referido rei e ao secretário deste, Sampradi,<sup>59</sup> teriam tido contra si não só o bispo, como também o arcebispo goês, a rainha portuguesa e a Propaganda, e se tivessem tomado o partido do bispo, teriam contraído a ira do rei e de Sampradi.

*O fruto que tirou Propaganda dos seus alumnos he, de ter perturbado a missao, feito hum Shisma que durou 8 mezes dando escandalo com suas Calumnias aos gentios, perdido a Religiao e obediencia do Povo, feito escravas as Igrejas aos*

---

<sup>56</sup> Eis mais uma prova de que o *Viaggio* não era destinado à publicação.

<sup>57</sup> Ibid, p. 15.

<sup>58</sup> Ibid, p. 15.

<sup>59</sup> Ao referido rei de Travancore e a Sampradi referir-nos-emos no texto que se segue.

*gentios em pagando o tributo annual, e sumetido as Igrejas aos Portuguezes. Em Roma fallarao que Conservarao os Propagandistas, em Lisboa prometerrao de tirar os Propagandistas. em Malavar tirarao o poder de ambos, e se fizerao independentes de huns e de outros pello Rey gentio. o intento dos de Norte he de Conservar ambas as partes ate achar hum Bispo de nação, e depois butar fora ambos.*<sup>60</sup> - conclui ironicamente o seu comentário agudo Ivan Filip Vesdin.

Na continuação das "Reflexões", o autor salienta que a missão e as igrejas de lá (antigamente sob a direção dos cristãos de S. Tomé, isto é, dos mapulas) não foram entregues aos carmelitas apenas pela Propaganda, uma vez que se trata de um direito de cem anos, confirmado pelos reis "gentios" e os ministros destes - direito esse que na totalidade anula o efeito jurídico do Padroado Português do Oriente. Mas os mapulas, que outrora pediram explicitamente a ajuda dos carmelitas para a luta contra os portugueses, agora pedem de novo a jurisdição eclesiástica portuguesa, o que (segundo Vesdin) contradiz o juramento feito por eles em Matincheri.<sup>61</sup>

Porém, a revolta de uma parte dos cristãos de S. Tomé não foi dirigida apenas aos carmelitas, visto que, numa espécie de concílio (realizado pelos mapulas nos dias 11 e 12 de Fevereiro de 1787 em Angamale), as acusações sobre a morte de determinados dignitários eclesiásticos (incluindo o bispo cismático Cariati) foram também atribuídas a outras ordens católicas (jesuítas e dominicanos, por ex.).

Estas ordens foram acusadas de terem pecado contra o Sexto Mandamento ("publice et privatim"), tal como de terem denunciado Cariati e o seu povo em Roma e Portugal, pretendendo converter para o catolicismo o antes referido bispo Tomás (Mar Thoma), ao qual, mais tarde, prestariam obediência. As acusações mencionadas foram lidas publicamente em todas as igrejas, o que levou a uma atitude extremamente negativa relativamente aos missionários europeus,<sup>62</sup> tendo para isso, em

---

<sup>60</sup> Ibid, p. 15.

<sup>61</sup> Cf. p. 16 do "Diário Português".

<sup>62</sup> Cf. op. cit., p. 17.

maior medida, contribuído o bispo cochinchense. A maior culpa foi atribuída aos carmelitas, pelo que eles, com Vesdin à frente, foram pedir justiça ao rei de Travancor, Rama Varma (ou Varmer).<sup>63</sup>

Por esse tempo,<sup>64</sup> Rama Varma e P. Paulinus a Sancto Bartholomaeo já eram velhos conhecidos, como, de resto, consta do cap. IX do livro de viagens *Viaggio alle Indie Orientali*. Travaram conhecimento sete anos antes (em 1780), quando Vesdin veio a Trivandrum, onde estava situado o palácio real,<sup>65</sup> para entregar ao rei um breve apostólico do Papa Clemente XIV. O segundo encontro entre os dois amigos aconteceu três anos mais tarde (1783), e o terceiro em 1784, quando o erudito carmelita entregou ao rei a sua *Grammatica Malavar-Ingleza e Portugueza-Ingleza...*<sup>66</sup> Alguns dos seguintes encontros com o seu amigo Rama Varma, Vesdin descreveu-os no "Diário Português",<sup>67</sup> em que (tal como no livro *Viaggio alle Indie Orientali*) o rei de Travancor é "retratado" com grande respeito e simpatia, o que não admira se tivermos em consideração a hospitalidade com que o referido rei costumava receber o "seu erudito".

Igual hospitalidade foi mostrada por Varma por ocasião do seu encontro com Vesdin no dia 24 de Março de 1787, quando o carmelita descalço, como uma espécie de "porta-voz" dos injustamente acusados religiosos verapolienses, veio defender a honra destes depois de, por esse mesmo motivo, se ter encontrado com o rei de Cochim:<sup>68</sup>

Entreguei ao Ministro<sup>69</sup> a Sangada Variola, na qual pedimos Constos Contra nos dos Mapullas sobre as suas accusas. falei que nos nao dezejavamos as Igrejas mas a nossa justificação etc: e Logo fomos encontrar Com o Rey e Eu o Padre Joao Franco e o Rey assentados o

---

<sup>63</sup> Cf. op. cit., págs. 20-32.

<sup>64</sup> Isto é, em Março de 1787.

<sup>65</sup> Ainda hoje Trivandrum continua a ser a capital do estado federal indiano chamado Kerala.

<sup>66</sup> Cf. a nota n.º 15.

<sup>67</sup> Cf., por ex., págs. 11, 19-22, 25, 47-48, 62, etc.

<sup>68</sup> Cf. págs. 19-21 do "Diário Português".

<sup>69</sup> Trata-se do secretário do rei Rama Varma, que também exercia o cargo de primeiro ministro.

Rey prometeu de acabar as nossas Cousas. fallou de nao ficar tristes per causa disso, e disse que elle sabe muito bem que os PP de Verapoli ja sao velhos na sua terra, fallou que Cariati morreo per ter querido assim D. N. S. ordenou de nos dar Copu ou Comer Cada dia e mostrava bastante enfado Contra os Calumnitores os quaes mandou vir per 1 Carta e ordem etc etc:<sup>70</sup>

Neste contexto para nós, porém, são particularmente interessantes algumas das palavras de louvor que durante o referido encontro Rama Varma dirigiu ao P. Paulinus. É de destacar que o nosso "indiólogo" foi apresentado pelo rei como um velho conhecido e bom conhecedor das ciências indianas, pelo que o caso dos religiosos acusados acabaria em bem:

ja sao perto 20 annos que Conheço o Padre Paulino olhei por elle em diversos Lugares, elle sabe bem Malabar, Sidharubam e outras nossas Sciencias tudo acabara em bem.<sup>71</sup>

Dois dias após esse encontro (a 26 de Março de 1787) os carmelitas entregaram ao rei toda a documentação relativa ao processo contra eles, o que levou a uma espécie de discussão teológica sobre as diferenças entre os católicos e os "cismáticos" - discussão essa durante a qual Vesdin respondia às perguntas do rei de Travancor, explicando os artigos da fé e moral católicas. É curioso, porém, que o rei tenha sido um interlocutor bem "combativo", que não quis render-se assim tão facilmente, tentando convencer o carmelita da insustentabilidade das teses de catecismo:

Aos 26 de Março seria 2<sup>da</sup> a huma hora chegou huma Carta de Sampradi na qual escrevia por ordem do Rey de chegar na fortaleza Com os nossos Monumentos. Chegamos La, e mandando 3 Cadeiras per a Caza do defunto Valia Sarvadi veo atraz de nos onde assentados

---

<sup>70</sup> Ibid, p. 21.

<sup>71</sup> Ibid, p. 22.

princípios a perguntar sobre a differencia dos Schismaticos e Catholicos, foy obrigado de darlhe noticia dos puntos da fé sobre 2 naturezas em Cristo, sobre o Purgatorio sobre o Castigo dos bons e maos, sobre a alma e suas potencias sobre as accoes da alma, e Correspondencia do Corpo. os 6 sinaes de Deos, o bem e mal moral disputando e opoendo elle sempre a mim quasi que quizesse elle convencerme da falsidade da nossa fé. enfim mim fallou que deste modo nos nao podemos Concordar porem que elle queria ouvir Cada dia assim a explicação da nossa Ley. depois lhe explicamos a nossa vinda per Malabar, o nosso Estabelecimento nesta terra refutando as queixas da Padiola. Enfim disse que elle acabara tudo Com razao e justiça e em favor nosso.<sup>72</sup>

Na continuação do processo "de maratona" incluíram-se também os entretanto intimados mapulas e catanares, assumindo agora a função de inquiridor o secretário de Varma, Sampradi Keshavapulla. Sampradi aparece em muitas páginas do "Diário Português", mas quase sempre num contexto mais ou menos negativo, como um homem subornável e ávido, interessado exclusivamente em dinheiro e várias intrigas.<sup>73</sup>

Com base no processo dirigido por Sampradi chegamos a saber muitas coisas sobre as relações extremamente complexas entre determinadas correntes dentro da Igreja do Malabar de então, particularmente sobre o triângulo sempre problemático: *religiosos verapolienses - clero português - cristãos de S. Tomé*. A maior parte de várias intervenções durante o referido processo foi feita pelo próprio Vesdin, que habilmente aproveitou a sua enorme erudição para defender aquilo que no diário normalmente designava por "nossa causa", insistindo incessantemente não num duelo verbal entre as partes do processo, mas sim nos documentos propriamente ditos.

Que tinha razão consta também do resultado do processo judicial. O processo não foi ganho pelos mapulas precisamente pelo facto de eles não possuírem documentos (escritos) com base nos quais pudessem provar as suas falsas acusações. O problema da jurisdição sobre as igrejas

---

<sup>72</sup> Ibid, p. 22.

<sup>73</sup> Cf., por ex., págs. 31, 50-52 e 58 da obra citada.

destes cristãos inconstantes foi resolvido de modo que os carmelitas renunciaram por escrito a quaisquer pretensões a essas igrejas, tal como a qualquer tentativa de proselitismo. Todas as outras acusações, relativas à implicação dos religiosos na morte de certos dignitários eclesiásticos da parte adversária, também acabaram por se mostrar completamente falsas.

Em meados de Abril, Vesdin e os seus colegas foram de novo recebidos pelo rei (desta vez na audiência de despedida). Eis como esse encontro é descrito pelo carmelita croata:

13 de Abril fomos a 6 horas encontrar e despedir Com o Rey o qual perguntou se somos Contentes do modo Com que acabarao as nossas Cousas. respondi que sim. /pois antes de passar ou entrar na porta do Jardim o mesmo nos pergunteou o Sampradi e se temos ainda alguma diferencia a lhe dizer?:/ pois Logo o Rey fallou que o Bispo junto Com todos os PP lhe mandem o Papel assinado da renuncia das Igrejas Surianas dizendo que elle quere Paz e Socego Com os seus vassallos que elle deve favorecer e que per Causa disso o affecto e Proteccao que deu aos PP nao denegara tambem per diantes porem que Lembrassemos bem de nao nos separar delle, e dos seus intentos e interesses prometilhe de mandar o Papel da Cessao em 15 dias E lhe fallei que em 132 annos que governamos estes Christaos não nos aconteceu senão esta unica Culpa do Catanar, e que per causa disso o Rey lembrasse benignamente de nós, largando muito na condemnação; entao elle fallou que mandando lhe o escrito da renuncia, e a Carta de Pondicheri sobre o D. Simon que lembrara de Largar na Condenação e que per isso não fiquemos medo, que ordenara com toda benignidade etc: disse de mais que per causa do serviço que o Bispo e [os] PP de Verapoli lhe fizerao elle tinha sempre affecto per elles, mas que agora per causa de nos serem aqui e reterem as igrejas os outros /Portuguezes/ sempre se queixao, e que ha sempre disputas entre nos e elles e que per consequencia era necessario de fazer assim etc: Louvou o Edeler, e nos despachou com boas palavras. Sahindo fallei com o Sampradi que nós temos pouco dinheiro de quartel, que nada tiramos das Igrejas etc: e elle me prometeu que largará a condemnação porém

que alguma cousa sempre seremos obrigados de fazer por reconhecer o alto dominio do Rey, e para que elle tenha razao e motivo de nos proteger contra os malfeitores, sem isso nós não teriamos direito para ser protegidos, nem o Rey nos protegeria. Emfim acabada a Variola sahimos Com Carta per Edeler e per o Bispo e junto levamos huma Copia da Variola do modo que acabarao as demandas. recebemos o Copughel, e fomos per Vely, Anja, Coulon etc:<sup>74</sup>

As notas do diário dedicadas ao litígio com os cristãos de S. Tomé, Vesdin acaba-as sintomaticamente com um comentário irónico<sup>75</sup> sobre os mapulas ingratos, que, aliás, foram obrigados a pagar, de um modo bem marcado, a sua volubilidade e traição:

N. B. este he o Proveito de ter mandado o Cariati per Roma, este he o espirito que os alumnos ensinhao quando voltao de Europa. isso he a revolta, subergia Calumnia, Schisma, e o butar fora os seus mestres com calumnias diante dos Reis - os Mapullas pagarao por ganhar as suas Igrejas e por da-las ao Catanar, por nao ser castigados das suas embrulhadas, atrevimentos, e Culpas, pagarao digo Vinti duas mil rupias ao Rey e duas mil ao Sampradi, justo o dobrado daquelles do norte do Rey de Cochim aoqual os de norte pagarao 12 mil rupias per Condenação, e nao ha differencia senao que esta foy publica, e a outra segreda. afora disso derao oito peças de seda 5per o Rey e 2 per o Sampradi. offerecerao demais de Vender as suas mulheres, creanças e Casas, e dao ao rey, basta que o Rey nao os condemne publicamente de maneira que considerando que o Mattu Taraguen ja tinha ajustado com o Sampradi todo este complotto antes no Decembro passado, e olhando a quantia do dinheiro que elles derao, foy milagre de nos ter ganhado tanto, e nos tirado fora das Calumnias delles praticada,. o Mallenpulla, primeiro Escrivao do Sampradi, o Calarekel Taraguen e os mais Mapullas e gentios todos Confessarao que os Mapullas pagarao hum Lac e Cinquenta mil galliens, os quaes fazem a Suma

---

<sup>74</sup> Ibid, págs. 29-30.

<sup>75</sup> Típico dele.



acima apuntada; afora do Matu Taraguen e Maten Catanar, todos os outros Mapullas mostravao muito sentimento de se terem separados de Verapoli, e disserao que elles principiarao esta Peleja per brinco, mas que agora sahio em effeito mal per elles. etc: o Author de tudo foy Matten Catanar, Matu Taraguen aconselhado com o Sampradi o qual como homem mui interessado nao buscou nem busca outra cousa senao de encher a sua bolsa com semelhantes traças e compotos, nao accabando quasi nihuma queixa que nao lhe traz muito dinheiro. - a injustiça deste foy manifesta pois elle podia facilmente fazer Vir o Thoma Catanar pera conhecer a Verdade da demanda Como nos pedimos na nossa Sangada Variola, e na Carta d. ao Rey mas de nihum modo o quiz fazer vir, para nao serem descobertas as suas injustiças, e traças, por isso accabou tudo com empalhações, e sem querer fazer mal aos Mapulas Convencidos das muitas imposturas; o fim parece ser de butar fora os Europeos, e fazer governar os Naturaes pois o tal he o interesse do Rey.<sup>76</sup>

Para além dos supracitados mapulas (Matten Catanar e Matu Taraguen) e o "gentio" Sampradi Keshavapulla, os principais culpados desse processo judicial, absolutamente inútil, foram<sup>77</sup> precisamente os portugueses, mais exactamente, o arcebispo de Goa, carmelita D. Manuel de Santa Catarina, e o bispo de Cochim, D. José de Soledade, que prometaram aos mapulas fazer bispo o governador do arcebispado de Cranganor, Tomás<sup>78</sup> Catanar Pareamakel, com a condição de expulsarem das igrejas os carmelitas verapolienses, entregando essas mesmas igrejas ao clero português.<sup>79</sup>

Ambos os prelados portugueses foram intriguistas e conspiradores sem precedentes, comportando-se o arcebispo se comportava muito mais delicadamente, com mais tacto diplomático, enquanto que o bispo como alguém que se tivesse sido "especializado" em armar ao escândalo. É precisamente da "cozinha" deles que provém uma série de incidentes tão

---

<sup>76</sup> Ibid, págs. 30-31.

<sup>77</sup> Segundo Vesdin.

<sup>78</sup> Ou, segundo a grafia de Vesdin, *Thoma*.

<sup>79</sup> Cf. p. 32 do "Diário Português".

minuciosamente descritos por Vesdin, incluindo a conspiração "central", dirigida contra os carmelitas, franciscanos e propagandistas em geral - conspiração essa que ocupa a maior parte do "Diário Português", pelo que nós também lhe prestaremos uma atenção relativamente grande.

É bem elucidativo quanto aos prelados que tanto um como outro sejam mencionados logo na primeira frase do diário, no contexto das cartas por eles dirigidas a Roma, com o fim de justificarem a sua implicação em vários escândalos.<sup>80</sup> É interessante, porém, que, apesar da referida implicação (que também abrangia um trabalho concreto na destruição da missão verapoliense), o extremamente falso e excêntrico bispo cochinese, D. Soledade, não hesitasse em procurar refúgio nessa mesma missão, o que só não conseguiu graças à presença de ânimo dos próprios carmelitas, que (de acordo com a recomendação do governador de Cochim, Edeler João Gerard van Angelbeck) se recusaram a recebê-lo, justificando-se com a desconfiança dos cristãos de S. Tomé, os quais acusavam a ordem carmelita de entrar em maquinações com os portugueses.<sup>81</sup>

A excentricidade do bispo cochinese ganhou a maior expressão quando da sua visita oficial ao secretário do rei de Travancor, Sampradi, tal como ao próprio rei, a 10 de Novembro de 1787, quando diante do soberano apareceu engalanado com o báculo, a mitra e a capa bispal, tendo provocado a consternação geral de todos os presentes. O objectivo dessa visita era fazer com que Rama Varma expulsasse os franciscanos da Costa do Malabar. Nessa ocasião o rei pediu-lhe que se comportasse como se tinham comportado todos os seus predecessores, não dando motivo a qualquer queixa, enquanto que relativamente aos franciscanos o aconselhou a que agisse de acordo com a lei, isentando disso Frei Eugénio (que também assistiu à audiência).<sup>82</sup>

Referindo-se à problemática dos franciscanos malabares, deve-se salientar que o rei de Travancor (apesar de, enquanto protector e amigo franciscano, ter insistido na explicação pormenorizada dos motivos da expulsão dos frades menores da Costa Malabar) foi pura e simplesmente

---

<sup>80</sup> No caso do bispo cochinese, trata-se da implicação na morte de Cariati.

<sup>81</sup> Ibid, p. 3.

<sup>82</sup> Ibid, p. 33.

obrigado a reconhecer a decisão politicamente motivada do vice-rei português na Índia e do arcebispo goês - decisão essa segundo a qual os filhos de S. Francisco de Assis residentes no Malabar tinham que ser embarcados, de boa ou má vontade, e logo depois levados para Goa.<sup>83</sup> Vesdin menciona que uma vez também ele foi convidado para uma reunião dedicada aos problemas franciscanos, tendo na altura sido decidido que os franciscanos redigissem um protesto contra a referida decisão.

Mas nada conseguiu abalar o maior adversário dos franciscanos malabares, D. José de Soledade, para libertar-se (através de um método que já fazia parte do estilo despótico dele) dos dois representantes mais distintos da ordem franciscana: João da Costa e o já mencionado Frei Eugénio. O primeiro foi apanhado na armadilha armada pelo D. Soledade: este convidou-o para o jantar, mas acabou por embarcá-lo num barco com destino a Goa; o mesmo aconteceu ao pobre Frei Eugénio que, contrariamente a todos os acordos e promessas, também foi embarcado à força no mesmo barco.

Este irmão franciscano, bastante misterioso e ao mesmo tempo extremamente popular em toda a Costa do Malabar, aparece em muitos lugares do "Diário Português", mas em nenhuma parte se diz quais as funções que ele desempenhava na sua ordem, nem porque era (tal como, de resto, o próprio Vesdin) um dos favoritos particulares do rei de Travancor. Em todo o caso, segundo a declaração do P. José da Conceição (encarregado do "contingente" franciscano), e de acordo com instruções explícitas do vice-rei português e do próprio arcebispo goês, Frei Eugénio devia ser levado para a capital portuguesa na Índia só se isso fosse realizável de uma maneira relativamente fácil. Tal, porém, não aconteceu por causa de uma circunstância bastante agravante. Trata-se de um acordo entre o ministro travancorense Sampradi e o bispo de Cochim, segundo o qual o referido frade tinha que ficar no Malabar ou ir para Nagapolna. Entretanto, o bispo conseguiu subornar o ministro (através de Matu Taraguen), pelo que Frei Eugénio, depois de várias baixezas e "pequenas" conspirações, finalmente acabou por ser embarcado e levado para Goa juntamente com outros franciscanos da Costa do Malabar.

---

<sup>83</sup> Sobre a expulsão dos franciscanos da Costa do Malabar v. págs. 26 e 42-46 do "Diário Português".

Mas, por causa dos interesses económicos (importação do arroz malabar), o vice-rei e o arcebispo mudaram de repente a opinião, fazendo com que Frei Eugénio regressasse para o Sul, para eles assim outra vez caírem nas boas graças do rei de Travancor.<sup>84</sup>

Lembresse Com que rosto e Coração devia estar o Bispo Soledade vendo e sabendo que o Pre Eugenio voltou por Sul, depois elle ter feito tantos trabalhos, e trahições gastado mais de 2 mil Rupias per faze-lo embarcar. Lembresse também de que modo o Snr Arcebispo de Goa e o Vice Rey tao facilmente virarao, e sacrificarao a obediencia Religiosa, e a Religiao ao Interesse do arroz. pois antes a estava pregando e obstinando-se ainda por força e Contra Vontade do Rey de levar o Pre por Goa, allegando a obediencia e a Religiao etc: NB. Lembre-se que elles também nao o retornarao per petitorio e ordem do Rey, de quem estavam roubando, mas por ordem de Goa para nao quebrar-se Com o Rey e perder o interesse temporal. de veras esta he huma baixessa, e huma Comedia Portugueza.<sup>85</sup> - acaba o seu “comentário autoral” Ivan Filp Vesdin.

De regresso ao Malabar, Frei Eugénio dirige-se ao rei travancorense, que o recebe com grande alegria, mandando que se faça urgentemente um inquérito sobre o caso do desgraçado frade menor. Apertado pelo inquérito, o bispo Soledade (na altura “exilado” em Coulon!) atribui toda a culpa ao P. José da Conceição, mas este consegue provar que o único culpado do rapto do frade é o próprio bispo. Vindo a saber disso, o rei reage de uma maneira extremamente resoluta, enviando para Goa uma carta em que exige que o bispo abandone o reino de Travancor e se estabeleça no território goês.

Isso, porém, não é o fim das tribulações de Frei Eugénio, uma vez que o provincial franciscano, Manuel de Madre de Deus, a pedido do arcebispo goês,<sup>86</sup> o excomungou por recusar-se a abandonar a Costa

---

<sup>84</sup> Em cuja desgraça caíram precisamente por causa do rapto do frade mencionado.

<sup>85</sup> Ibid, p. 46.

<sup>86</sup> É de pôr em relevo que o arcebispo era amigo do provincial mencionado (sic!).

do Malabar. A excomunhão, como mais adiante salienta Vesdin,<sup>87</sup> seria anulada mediante a condição de o religioso excomungado se retirar para a Costa de Coromandel.

No que diz respeito ao bispo cochinense, D. Soledade, a sua recepção em Goa (para onde veio a 22 de Abril de 1788) não foi nada calorosa.<sup>88</sup> Muito pelo contrário! Mas nem ali ele deixou de tratar da deportação de todos os franciscanos para a Costa de Coromandel, sendo nisso impedido pelo próprio arcebispo goês, perante o qual o P. José da Conceição desmascarou todas as mentiras e intrigas do bispo relativamente a Frei Eugénio.

Parece, porém, que D. José de Soledade já antes tinha perdido toda a credibilidade, quer junto da corte portuguesa, quer junto do referido arcebispo, principalmente pelo facto de se ter comportado despoticamente em relação aos franciscanos, acusando-os de provocarem vários distúrbios. Consta também de uma carta dirigida ao bispo Soledade por D. Manuel de S. Catarina, em que este o repreendia, ameaçando-o com a falta de qualquer apoio da parte das autoridades goesas após a saída dos franciscanos da Costa do Malabar:

o Snr Arcebispo de Goa escreveu ao Bispo Soledade que tem feito muito mal de nao mostrar e intimar as ordens dos seus Prelados aos PP. Franciscanos, e q este nao he modo de agir Com tanto despotismo. de mais que sendo recolhidos os PP que nao tenha mais nihuma esperança de Goa, e Como elle se queixava das inquietações dos PP, recolhendo-se estes se sabera em Caso de qualquer queixa que elle so per seu mao genio faz tudo isso e Cahira tudo sobre elle. tendo achando esta Carta na fregata o Soledade ficou muito raivo[so] Contra o Arcebispo. todas estas Cousas tenho do Rmo P. Mestre Jose de Conceição e da gente de sul interessada nas Cousas das demandas feitas.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Ibid, p. 64.

<sup>88</sup> Segundo o testemunho do P. José de S. Joaquim (cf. p. 59 do "Diário Português").

<sup>89</sup> Cf. "O Diário Português", p. 45.

A mesma ameaça também foi repetida pelos altos funcionários de Goa em vésperas da partida do bispo cochinese para a Costa do Malabar, no início de 1789. Aconselharam-no a que continuasse a estar calado, visto que o rei de Travancor tivera uma atitude extremamente paciente para com ele no passado, e, quanto ao futuro, foi proibido de desobedecer ao soberano travancorense, porque, caso contrário, Goa pôr-se-ia do lado do rei.<sup>90</sup>

A actividade conspiratória do bispo de Cochim e do arcebispo de Goa ("homem medroso, mal informado, e que se deixa conduzir pello nariz ou per medo ou per interesse seu"<sup>91</sup>) não se limitou, porém, só aos franciscanos malabares, englobando também todos os outros missionários não-portugueses, destinados a serem expulsos da área das (ex-) "Índias Portuguesas". Nesse sentido, os referidos prelados apoiavam-se também nalguns dos cristãos mais notáveis de S. Tomé, cuja influência no povo foi decisiva para a concretização dos objectivos portugueses politicamente bem transparentes.

Um destes cristãos mais notáveis de S. Tomé foi também o já referido governador do arcebispado de Cranganor, Tomás Catanar Pareamakel. Vesdin menciona-o em muitas páginas do seu diário, principalmente em contexto negativo de nepotismo, corrupção,<sup>92</sup> intrigas, rebeliões e conspirações de todas as espécies. Trata-se de um "carreirista crónico", que não olha a meios para atingir os fins, sendo desse ponto de vista semelhante aos seus "patrões" frustrados - o arcebispo goês, D. Manuel de S. Catarina, e o bispo cochinese, D. José de Soledade.

Através da correspondência conservada entre o referido "dueto" português e o governador cranganorense (duas cartas enviadas de Goa, que, apesar de todas as medidas de prevenção, foram apanhadas pela parte adversária<sup>93</sup>) chegamos a saber muitas "informações confidenciais" relativas à política portuguesa para com os mapulas e as suas estruturas

---

<sup>90</sup> Ibid, p. 73.

<sup>91</sup> Ibid, p. 65.

<sup>92</sup> Cf., por ex., págs 59 e 70 do "Diário Português".

<sup>93</sup> Neste caso são os carmelitas de Verapoli.

eclesiásticas. Que as cartas mencionadas são verdadeiramente uma fonte informativa bem importante para o clero não-português na Índia, consta do facto de que Vesdin primeiro relata pormenorizadamente o seu conteúdo e logo depois passa a copiá-las literalmente (*verbum ad verbum*) para assim ficar com um precioso material das provas na luta contra a "monopolização" das áreas missionárias na Índia.

A primeira dessas cartas (datada de 4 de Dezembro de 1788) é particularmente rica em recomendações e promessas extremamente indicativas no que diz respeito à diplomacia eclesiástica portuguesa na Índia daquele tempo:

Ja estando na actual visita respondemos as Suas primeiras cartas deste anno. agora novamente vamos a responder ás Segundas que nestes dias recebemos. Nao temos mais que lhe recomendar, senao que conserve a essa disconfiada christiandade<sup>94</sup> em huma firme esperança, de que todos os seus requerimentos serao aceitos diante de Nossa Soberana<sup>95</sup> e de que todos os seus intentos se conseguiraõ, quando ella dê huma prova da sua firmeza. Sendo assim, essa Christandade será consolada, V.M. sem duvida será attendido, e os Propagandistas nao terao occasiao de uzurpar mais o Real Padroado. Neste anno serao lançados os Propagandistas fora de Bombayn, e deste Arcebispado, por ensinuação de N. Soberana, e ordens Regias que tem chegado de Inglaterra. Se essa christandade se conservar assim como está debaixo de Sua obediencia, terá V. Merce a gloria de a governar, como seu unico Prelado, sem contradicção dos Propagandistas, s., a quem promete o Papa expelir fora do Malabar, e o que esperamos suceda tambem em breves tempos. Para este fim estamos dando as devidas disposições, e nisto se occupa tambem o Exm<sup>o</sup> S<sup>nr</sup> Bispo de Cochim, per cuja cauza e per esperar occasiao da fragata nao partio ja daqui, o que fara por todo o mez seguinte de Janeiro; no entanto vá V. M. confortando esses animos desconfiados dos Christaos, e tambem confortamos a V. M. com a esperança de conseguir o que pertendemos de Lisboa, donde

---

<sup>94</sup> Isto é, os cristãos de S. Tomé, ou seja, mapulas.

<sup>95</sup> Isto é, diante da rainha portuguesa D. Maria I.

ja neste anno temos fundamento pera assim afirmar. Nao deve V. M. nem essa Christiandade affligir-se com a demora, porque todas as couzas se fazem com tempo. O Exm<sup>o</sup> S<sup>nr</sup> Bispo de Cochim logo vay e lhe dira o mais que e preciso para sucego de todos. Elle nao faltara a ajudar a V. M. em tudo o que puder, assim como aqui nao falta a fazer as vezes de seu bom Procurador, e de toda essa Christandade. Havemos de fazer toda a diligencia para tirar da Real Fazenda o trigo e vinho, que ella costuma dar a esse Arcebisnado; porém o tempo de ferias que entrao do Natal, nao permite agora semelhantes requerimentos, o que faremos depois da partida do Exm<sup>o</sup> S<sup>r</sup> Bispo de Cochim. Elle dira o mais na Sua carta, e depois falara tudo o mais a vista, de que V. M. ficara satisfeita, com toda a mais Christiandade. nao deve V. M. acreditar ditos Malabaricos, e ter sempre per certo, que assim Nos, como o dito Prelado Cochinense nao deixaremos nunca de olhar pello bem desse rebanho, e de attender as suas justas pertençoens. Deos Guarde Vossa Merce m. a. Palacio de Goa 4 de Dezembro anno 1788.

D. M. Arcebispo Primaz de Goa  
p. manu propria<sup>96</sup>

Muito menos dentro do estilo diplomático, mas com um maior número de pormenores bem interessantes, é a segunda carta (de conteúdo quase idêntico!), escrita um dia antes (a 3 de Dezembro de 1788) pelo bispo de Cochim, D. Soledade. O destinatário é outra vez o mesmo - o governador Pareamakel:

Rmo Padre Governador!

Tenho recebido nestes dias as suas ultimas cartas, e visto tudo quanto nellas dis. Eu nao posso ser extenso na scripta, nem dizer tudo, porque podem ser apanhadas as cartas, e hir nas maos dos Propagandistas, ou Franciscanos, por isso somente lhe digo, que na vista tudo lhe direi quanto há, e ficará V. Rma muito bem satisfeito, e contente; alem de

---

<sup>96</sup> Cf. págs. 66-67 do "Diário Português".



que essa gente Malabar não cre senao, o que ve, e sao filhos e christaos de S. Thomé, que também tinha a mesma falta de fe, e somente cria o que via. Por isso me remeto ao tempo, que tudo mostrara a V. Rma, e a todos, sem que eu me cançe em dizer novidades que poderao ser suspeitas. Somente lhe digo que se os Malabares ficarem firmes assim como estao, nestes dous annos, ou tres, verao sahir do Malabar todos os Propagandistas. o que tudo lhe mostrarei à vista. Sobre Franciscanos, nada tem elles conseguido, mais que a sua ruina. O que V. Rma diz de Fr. Eugenio he certo, mas fique calado, que tudo tem tempo. deixe falar o Frade, e mais os Propagandistas, porque todos falao ja de desesperados, e he maxima do Malabar espalhar mentiras. o Snr Arcebispo ha de ficar tratando de conseguir o vinho e trigo, porque agora como entrao as ferias dos Tribunaes pella festa do Natal, ja nao tenho tempo para concluir nada; mas fique descansado que se fara toda a diligencia. a minha demora nesta capital, é procedida da necessidade, que tenho de preparar varios papeis para Roma e Lisboa, tudo por os fins que V. Rma quer, porque o Snr Arcebispo nao entende as cousas como eu, e tbm nem tem havida fregata que va pa o Sul, e tenho de hir em huma mesma fregata com o Snr Bispo de Meliapur, que vai desembarcar em Coulaio, para hir por terra pa o Seu Bispado, e chegaremos Sem falta em Coulon athe os ultimos dias do Janeiro; rezaio porque V. Rma faça pa aquellas partes de Coulaio alguma visita de Igrejas para podermos falar, dizer lhe tudo como está bom, e entregarlhe o seu dinheiro de quarteis e seminario, e juntamente dar ordens aos Catanares a quem va dispondo pa as tomar, Logo que chegarmos ahy. Entao Sabera toda a verdade, e nao crea em mentiras Malabares. o Snr Bispo de Meliapur he falso Levar os Franciscanos consigo para o Seu Bispado, e somente leva hum, que he seu Parente. os mais todos que vierao de lá, ficao no Convento. nem podem sahir para fora. Somente o Provincial pedio ao Snr Arcebispo Bispo de Meliapur que dese huma Igreja a Fr. Eugenio no seu Bispado. o que ele lhe concedeu com Licencia do Snr Arcebispo. mas quando nao va, fica outra vez excomungado, nem nunca o Snr. Arcebispo nem Governador de Goa permitirá cousa alguma a Fr. Eugenio contra o que Eu quizer, ainda que o Rey faça quanto fizer. ainda que V. Rma veja La chegar hum Carmelita Propagandista para Ser Sagrado em Varapoli, e para Bispo de Bombayn, nao faça cazo porque quando elle

chegara ca, ja todos os Propagandistas, e elle serao lançados fora de Bombayn; porque veio ordem de Inglaterra pera entregar as Igrejas de Bombayn aos PP de Goa e ao Snr Arcebispo, e nestes dias sahirao todos os Propagandistas de Bombayn lançados fora pello Governador. Tambem ja tenho do mesmo Governador de Bombayn ordem pera elles nao entrar na Anjenga, e pera outras Cousas, e ja foy a mesma ordem pera Rezidente de Anjenga. Com que fique descansado, assim como em tudo mais, porque tudo tenho feito e conseguido, e somente a inconstancia dos Malabares pode perder as cousas que tenho feito, e ninguem mais, mas entao quando assim seja e esses seus diocesanos desfação, o que com tanto trabalho tenho feito, a nada mais fico obrigado, e nunca mais tornarei a procurar nada por elles. nestes dias partio daqui um gentio mercador para tratar da negociação com o Rey de Travancor, eu tenho feito nesse ponto qto podia, mas o preço das Cousas nao agrada a este Estado, e por isso nao Sei o que Será. Recomende-me muito ao Matu Taraguen, e diga-lhe que fique forte, firme e constante, que tudo havemos de concluir como temos assentado a respeito das cousas do Arcebispado, e Propagandistas. he preciso lá fazer-lhes toda a guerra possivel, para que elles nunca possam dizer a Roma, que sao favorecidos dos Reis de Cochim e Travancor, pois elles os tem lançado fora das Igrejas de seus Limites. Nao faça misterio de eu me demorar aqui mais hum mez ou menos porque as Cousas todas querem tempo e occasiao para se fazerem; e ja que vim aqui, e tenho gasto tanto e trabalhado tanto, seria loucura de nao concluir todas as cousas e vir ou hir como vim. neste anno nao veo de Lisboa nehum vinho de Misas porq tudo venderao em Mozambique Mas ha muito vinho Bordò do qual Levaremos algum. veo ordem de Lisboa para me entregar os Candelabros, que trazia o Snr Cariate, a farei pellos Levar, se bem que tenho medo de que no desembarque quebre algum. mas paciencia. tudo o mais fica pa a vista e Deos guarde a V. Rma muitos annos. Palacio de Goa 3 de Xbre 1788.

Rmo Pe Governdor do Arceb°  
de Cranganor.  
*DrJBispo de Cochim.*<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Ibid, págs. 68-70.

Logo que (com base nas cartas supracitadas) vieram a saber da conspiração pormenorizadamente preparada dos dois dignitários eclesiásticos portugueses, os carmelitas descalços de Verapoli decidiram reagir, informando as respectivas autoridades civis sobre o assunto. Numa comunicação oficial, redigida em francês e dirigida ao governador de Cochim, Edeler João van Angelbeck, podemos ler que os missionários verapolienses, com o bispo local à frente, pediram ao general holandês um conselho e a autorização para desmentir a calúnia e informar Roma do que acontecera:

Monsieur! L' Eueq et les PP de Varapoly ont eu de bonne parte la Nouvelle que L' Archeveque de Goa et L' Eveque de Cochin cherchent a la Cour de Portugall et de Rome de faire retirer du Malabar l' Eveque et les PP. de Varapoly, en disant: que Ceuxci ont été Chasé hors des Eglises et du Terrain du Roy de Cochin et du Travancor. ils font cela afin de pouvoir entrer indirectement dans le gouvernement des Eglises Latines sous La Comination de La Noble Compagnie. C' est pour cela que l' Eveque et les Peres de Varapoly Vous demandent Votre Conseille et la permission d' abatre La calomnie, et d' informer la Cour de Rome Selon la verité, justice, et raison.<sup>98</sup>

A comunicação foi entregue a Angelbeck<sup>99</sup> por Vesdin dois meses antes da partida deste para a Europa, mais exactamente, a 19 de Janeiro de 1789. A resposta do holandês foi breve e clara: “Està bom, faça como està escrito.”<sup>100</sup> Se calhar os carmelitas teriam conseguido ganhar o litígio com os seus adversários portugueses (o arcebispo de Goa e o bispo de Cochim) mesmo sem o apoio jurídico do governador cochinense (“uomo di probità e di talento, il quale benchè Luterano, assistè la nostra Missione con uno zelo particolare in tutte le occorrenze aspre, che nascevano dal contrasto di alcuni Ministri Gentili contro il Vescovo<sup>101</sup>), mas foi de certeza esse apoio que apressou a solução do referido litígio.

---

<sup>98</sup> Ibid, p. 70.

<sup>99</sup> Em nome de toda a comunidade religiosa de Verapoli.

<sup>100</sup> Ibid, p. 70.

<sup>101</sup> *Viaggio alle Indie Orientali*, p. 134.

No "Diário Português" Angelbeck é mencionado uma vintena de vezes, sempre em termos positivos, sendo sempre destacadas a sua grande modéstia e generosidade relativamente aos carmelitas verapolienses. Assim, por ex., por ocasião de uma ordenação episcopal em Verapoli no início de 1789, quando ali se reuniu toda a "nata" europeia residente na Índia Oriental, o governador de Cochim ofereceu grande quantidade de vinho, cerveja e outras provisões destinadas à festa que se seguiu à referida ordenação, tendo logo depois organizado uma audiência solene para os participantes mais ilustres desse acontecimento (bispos e outros dignitários).<sup>102</sup>

No conflito permanente sobre a competência da hierarquia eclesiástica, Angelbeck servia de medianeiro entre os religiosos verapolienses e propagandistas por um lado e os portugueses por outro, defendendo consequentemente os interesses de Verapoli. Nesse sentido é elucidativo o exemplo dos vigários de S. André, Tangi e Matincheri, que D. Soledade quis obrigar a deixar prestar obediência ao bispo verapoliense e a reconhecer a autoridade do bispo de Cochim. O governador holandês ordenou-lhes, porém, que não reconhecessem a autoridade de nenhum prelado português, sendo para eles competente o bispo de Verapoli no que diz respeito às questões eclesiásticas, e ele, Edeler van Angelbeck, no que dizia respeito às políticas.

É curioso que nesse incidente acerca da jurisdição eclesiástica, mesmo o bispo de Verapoli, Luís Maria, se tenha comportado tibiamente, aconselhando os vigários a que não entrassem em nenhum conflito com o bispo cochinense, pelo que o próprio Vesdin teve que intervir, persuadindo o bispo a contrapor-se mais veementemente aos portugueses.<sup>103</sup> Parece que os interesses dos carmelitas de Verapoli foram mais defendidos pelo referido protestante holandês do que pelo respectivo bispo católico. As razões deste comportamento verdadeiramente estranho do bispo verapoliense devem ser procuradas na sua correspondência secreta com o arcebispo goês, D. Manuel de S. Catarina - correspondência essa que de certeza influenciou a relação deste para com o prelado cochinense.<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> "Diário Português", págs. 72-73.

<sup>103</sup> Nisso já falamos quando nos referimos à relação do Padroado Português do Oriente para com os propagandistas.

<sup>104</sup> *Ibid*, p. 38.

Por uma dessas cartas, dirigidas pelo arcebispo de Goa ao bispo de Verapoli, vimos a saber de mais uma conspiração (desta vez de carácter "interno") acontecida no território português - em Goa.<sup>105</sup> Trata-se da conspiração organizada pelos padres José António Gonsalvez, Caetano Couto e um certo Vitorino. Segundo o plano dos referidos conspiradores, todos os brancos residentes na então capital das "Índias Portuguesas" tinham que ser liquidados quer à espada, quer através de veneno, e as suas mulheres entregues ao sultão Tipu.<sup>106</sup> Mas a conspiração foi descoberta, sendo os seus dirigentes<sup>107</sup> exemplarmente condenados. Parece que, para além dos três protagonistas mencionados, nessa conspiração participou também Tomás Pareamakel, o que, pelos vistos, não impediu que os prelados de Goa e Cochim colaborassem com ele na organização de uma nova conspiração, previamente descrita, dirigida contra os propagandistas, ou seja, contra o clero que na altura não estava sob a jurisdição do Padroado Português.

No seu "Diário Português", Vesdin, porém, para além de descrever variadíssimas intrigas e conspirações, também descreve numerosos problemas causados por algumas das contribuições, não raras vezes extremamente injustas, impostas aos cristãos de S. Tomé, ou seja, aos mapulas e catanares, pelas autoridades locais ou estatais.<sup>108</sup> Uma contribuição particularmente dolorosa para esses cristãos foi a chamada finta, isto é, o tributo paroquial. É de salientar que certos mapulas, bem posicionados na sociedade indiana de então, também tiravam grande proveito desta contribuição. Um deles foi o já mencionado arrendatário das florestas reais e comerciante de lenha, Matu Taraguen,<sup>109</sup> que também inventava vários tributos adicionais para assim se aproveitar da desgraça dos seus irmãos de fé.<sup>110</sup> De resto, foi propriamente ele que aconselhou o

---

<sup>105</sup> Cf. págs. 38 e 42 da obra supracitada.

<sup>106</sup> De que falaremos mais adiante.

<sup>107</sup> Segundo D. Manuel de S. Catarina.

<sup>108</sup> Cf., por ex., págs. 11, 12, 40, 49, 71 e 72 do "Diário Português".

<sup>109</sup> Vesdin também o menciona no seu *Viaggio alle Indie Orientali* (p. 116).

<sup>110</sup> Cf. o "Diário Português", p. 12.

respectivo ministro travancorense a que os soldados tratassem dos cristãos como lhes apetiesse aquando da cobrança dos impostos.<sup>111</sup>

Para evitar desordens ainda piores durante a cobrança, as autoridades acabaram por aplicar um novo método. Em vez de ocupar todas as igrejas de uma só vez, começaram a ocupá-las duas a duas, mas nem isso ajudou a obviar numerosas confusões e conflitos, pelo que os soldados e vários bandidos intervinham mesmo dentro das igrejas propriamente ditas. Além disso, o montante pago variava de igreja para igreja, o que levou a novos descontentamentos. As igrejas do Norte (cujos paroquianos eram amigos de Matu Taraguen) pagavam menos, enquanto que às igrejas do Sul, consideravelmente mais pobres (com muito menos paroquianos), foi atribuída maior contribuição paroquial. Só em finais de Janeiro de 1789 foi acertado que todas as igrejas pagariam o mesmo montante.

É interessante que, na impossibilidade de pagar a quantia exigida pelas autoridades, uma parte dos cristãos de S. Tomé decida "fazer comércio" das suas convicções religiosas:

Como absolutamente nao podem pagar elles disserao: que querao empenhar as suas Igrejas ao P. Governador, e se este nao der ou avançar dinheiro pera elles poder pagar o Rey, as querem empenhar a Verapoly, e se nem aqui querem ajudar, as empenharao ao Mar Thoma Schismatico que lhes prometeu de pagar o que elles devem ao Rey, se estes Catholicos fizer obediencia ao dito Schismaticos. Eu lhes respotei que han-de pedir dinheiro com os Portuguezes ou Bispo de Cochim pois elles deixarao os Pp. de Verapoly e se uniraõ debaixo dos Portuguezes ou Padroado Real.<sup>112</sup>

Mas os cristãos de S. Tomé (residentes no território de ambos os reinos: o de Travancor e o de Cochim) foram sendo atingidos por outras desgraças ainda – desgraças essas que ameaçavam incessantemente não só a mera existência desses cristãos, como também a sua identidade cristã, ou seja, cultural. Embora as torturas às quais estavam expostos

---

<sup>111</sup> Ibid, p. 40.

<sup>112</sup> Ibid, págs. 71-72.

determinados cristãos malabares, para extorquir deles a última rupia, fossem extremamente horríveis,<sup>113</sup> o medo constante provocado pelo então "flagelo de Deus" da Costa do Malabar, sultão ("nab") Tipu, foi, ao que parece, uma ameaça ainda pior para todos os cristãos de lá.

O atroz déspota muçulmano, que da mesma maneira tiranizava tanto os cristãos como os hinduístas,<sup>114</sup> é mencionado em muitos lugares não só do "Diário Português",<sup>115</sup> como também do livro de viagens *Viaggio alle Indie Orientali*.<sup>116</sup> A limpeza étnica desse algoz de todos os não-muçulmanos e ateador das igrejas e dos pagodes, acompanhada pelos casamentos forçados entre muçulmanos e cristãos, tal como entre muçulmanos e hinduístas,<sup>117</sup> levava ao desespero mesmo os súbditos mais corajosos dos reis de Cochim e Travancor. Para o pânico do "flagelo de Deus" do Malabar contribuiu também um rumor, segundo o qual os antes referidos conspiradores contra a cidade de Goa tinham contado com a

---

<sup>113</sup> Cf. p. 58 do "Diário Português".

<sup>114</sup> Vesdin chama-lhes "gentios".

<sup>115</sup> Cf., por ex., págs. 42, 43, 47, 48, 49, 62, 63, 73 e 74.

<sup>116</sup> Cf., por ex., págs. 5, 31, 80, 86, 88, 89-90 e 102. Eis como Tipu (ou melhor, uma das suas típicas campanhas militares) é descrito por Vesdin na p. 89 da referida obra: "Egli era preceduto da trentamila guastatori, che tagliavano a pezzi tutto ciò che incontravano, dopo questi seguiva l' artiglieria comandata dal Sig. *Laly* generale d' un reggimento di cannonieri, e *Tipu Sultan* veniva appresso in persona montando sopra un Elefante, seguito da un' altro corpo di altri trentamila Uomini. Egli castigò barbaramente gli abitanti di *Còlicòtta*, e fece impiccare infiniti gentili uomini e donne. Le madri impiccate portavano al collo impiccati i loro figli. Alcuni gentili e cristiani furono legati al piede degli Elefanti con corde e catene, e così nudi e legati furono strascinati per terra sino che si sciolsero le ossa. Molti Brahmani furono circoncisi, volendo lui che li gentili e li Cristiani tutti si facessero *Mussulmani*, setta ch' egli professa e sostiene. Quindi le chiese Cristiane, e li tempi de' Gentili furono incendiati, abbattuti, roversciati, le donne Cristiane e gentilesche furono date alli Mussulmani, e le Mussulmane ai Gentili e Cristiani, acciocchè si pervertissero più facilmente, il ciuffo de' capelli, o il *Cudumi* de' Gentili, segno della loro nobiltà, lor fu tagliato, i Cristiani che si incontravano per la strada, o furono circoncisi, od impiccati." Saliente-se que Vesdin também participou na salvação destes desgraçados que conseguiram fugir para o território do rei de Travancor: "Io stava a *Varapole* nel 1789. nel mese di Febbraio quando fuggivano i disgraziati Gentili e Cristiani, che scappavano dal furore dell' inimico, e amministravo la barchetta a tutti fuggitivi per poter passare il fiume che bagna *Varapole*. Questa persecuzione durò sino ai 15. di Aprile del 1790. quando io già era partito dal Malabar..."

<sup>117</sup> Cf. a nota prévia (n.º 116).

ajuda de vinte mil "vândalos" de Tipu.<sup>118</sup> Um mês após ter aparecido esse rumor (no princípio de Março de 1788) chegaram a Verapoli as primeiras notícias confirmadas sobre os procedimentos extremamente cruéis para com os, na altura já exilados, cristãos de Calecute:

aos 3. de Março ouvimos de certo pella gente Christaa de Calicut q̄ chegou fugitiva p̄ Cochim que o Nabab Bader deu ordem ao Saiderkan<sup>119</sup> de fanar, ou de fazer mouros, todos os christaos de Calicut. o Saiderkan chamou a todos elles, e lhes disse ou q̄ se façao mouros, ou que saihao de Calicut. onde todos sahirao e alguns se retirarao a Mahe e Talicheri, os outros a Cochim. o P. Gabriel natural de Calicut tambem retirouse e a Igreja foy abatida. tinha em tudo 400 almas Christaas nesta Cabedal de Nabab Bader. no fevr. passado elle fez fanar ou circoncidar perto 600 Christaos em Mangalor e os fez cazar com Mouranas, repartindo os nas tropas e mandando os outros a Patana. este foy o resto dos christaos que antes na ultima perseguição se tinhao salvados, e abscondidos, e que depois se juntarao outra vez em Mangalor. elle Nabab quere que todos os seus vassallos sejam mouros, nao quer Comercio Com os Europeos. alguns soldados Francezes em Nagar por sua persuasao se fizerao mouros lembrando de achar melhor, porem sendo quando forao fanados abateu das 21 Rupia de paga que tinhao rupias dez, e lhes pagava depois per mez nove.<sup>120</sup>

É de mencionar, porém, que os súbditos do rei de Travancor não receavam apenas uma nova onda de refugiados de Calecute, como também alguns rumores novos, não menos inquietantes, relativos a uma suposta aliança do rei de Cochim com o sultão Tipu - aliança essa de que poderia resultar um ataque ao reino de Rama Varma.<sup>121</sup> Segundo Vesdin, isso só não aconteceu porque "o principal inimigo dos europeus e da religião

---

<sup>118</sup> Cf. p. 42 do "Diário Português".

<sup>119</sup> Com base na bibliografia que estava ao meu dispor não pude identificar essa pessoa. Trata-se provavelmente de um dos assistentes do sultão Tipu.

<sup>120</sup> Ibid, p. 43.

<sup>121</sup> Cf. p. 47 do "Diário Português".



cristã"<sup>122</sup> se assustou com os ingleses - aliados tradicionais do rei de Travancor. Assim o reinado travancorense ficou a salvo das campanhas destrutivas directas do sultão Tipu, mas não de uma grande multidão de refugiados que começaram a invadi-lo, sobretudo depois do regresso de Vesdin à Europa<sup>123</sup> (o que, porém, ultrapassa o âmbito deste trabalho).

Entre outros temas presentes no "Diário Português" de Vesdin, os mais interessantes são, de certeza, os ligados ao direito e costumes malabares. Nesse sentido destaca-se particularmente um caos jurídico, provocado pelo facto de uma grande parte dos hinduístas de então (incluindo também a maioria dos cristãos de S. Tomé influenciados por estes "gentios") ter seguido o direito matrimonial, segundo o qual (devido à poligamia e impossibilidade de comprovar com exactidão quem era o pai da criança) os herdeiros de uma família não podiam ser descendentes masculinos (com a excepção da casta bramânica em que toda a herança familiar passava às mãos dos filhos, enquanto que as filhas só recebiam um dote). A filha propriamente dita, após ter recebido o dote da parte dos pais, acabava por perder qualquer direito à herança pelo lado materno.

Esse problema não se notava tanto quando Cochim era governado pelo governador português, uma vez que todos os seus súbditos tinham que respeitar a legislação matrimonial portuguesa. A mesma legislação foi mais tarde aplicada pelo "herdeiro colonial" de Portugal - a Holanda, mas, ao que parece, com muito menos êxito. Para encontrar a saída desse "beco jurídico", o então governador cochinense, Edeler van Angelbeck, valeu-se da ajuda de Vesdin, que passou a ser uma espécie de conselheiro do general holandês, trabalhando na preparação de uma nova lei unitária sobre a sucessão familiar, o que o carmelita descalço iria minuciosamente descrever não só no "Diário Português",<sup>124</sup> como também no *Viaggio alle Indie Orientali*.<sup>125</sup>

---

<sup>122</sup> Como o carmelita croata chama ao sultão Tipu (cf. a obra supracitada, p. 49).

<sup>123</sup> Cf. a citação na nota n.º 116.

<sup>124</sup> Cf., por ex., págs. 49-50 e 54-55.

<sup>125</sup> "Appresso li *Brahmani*, li *Vaysha*, li *Ksketria* e li *Cristiani* di *S. Tommaso* in Malabar la zitella è obbligata di portare la sua dote allo sposo, e quando ella è uscita colla sua dote dalla casa paterna, non eredita di più, anzi perde ogni speranza, e diritto di successione nella linea femminile. Con questa legge generale nelle Tribù maggiori, li gentili preten-

É de mencionar que Vesdin não se esquivava nem dos temas melindrosos, incluindo a corrupção, sobre a qual fala no contexto dos dois "protagonistas" negativos do "Diário Português" - Sampradi Keshavapulla<sup>126</sup> e Tomás Catanar Pareamakel, através dos quais todos os processos são "resolvidos" conforme a quantia de suborno que lhes é oferecida.<sup>127</sup>

Saliente-se, porém, que tais temas melindrosos são sistematicamente evitados no acima referido livro de viagens, *Viaggio alle Indie Orientali*. Iguamente assim, as personagens apresentadas como sendo extremamente negativas no "Diário Português", no *Viaggio*, é verdade, não se tornam automaticamente positivas, mas (o que é bem significativo!) quase sempre perdem uma "auréola" negativa que as acompanha no diário. Seria bem interessante saber porque é assim. É difícil de acreditar que o carmelita croata, de um temperamento assim tão "indómito" e "sem papas na língua", poderia dominar a autocensura a tal ponto que, de modo semelhante ao grande historiógrafo quinhentista português, João de Barros (1497-1562), seria capaz de omitir "os vícios e as fraquezas dos heróis" por ele descritos. Tratar-se-á antes da tesoura da censura do Vaticano, que não se pôde dar ao luxo de aprovar o vocabulário nada diplomático de Vesdin.

Em todo o caso, com base numa comparação atenta de ambas as obras ("Diário Português" e *Viaggio alle Indie Orientali*), pode-se chegar à conclusão de existirem várias coincidências entre elas e de o referido diário ter servido a Vesdin como uma espécie de agenda cujos apontamentos, compromissos, lembranças, etc. o ajudariam imenso aquando do trabalho no supracitado livro de viagens.<sup>128</sup>

---

dono di conservare le famiglie, e le case, ed evitare qualunque alienazione dei beni di casa, che succederebbe, se le donne fuoruscite potessero ereditare. Il Signor Giovanni Gerardo Van Angelbeck Generale di Coccino voleva introdurre una legge contraria nella Tribù dei *Mundocàrer* Malabaresi, Cristiani sudditi della compagnia d' Olanda, ed io fui deputato da lui di trattare questo affare nelle congregazioni dei Cristiani, che si facevano in mia casa in *Mattincèra*: ma non mi riuscì di persuaderli, opponendomi essi sempre l' antichità di questo loro costume, e l' inversione delle famiglie in caso dell' introduzione d' una nuova legge..." (págs. 200-201)

<sup>126</sup> Cf., por ex., p. 58 do "Diário Português".

<sup>127</sup> Cf. págs 59 e 70 da referida obra.

<sup>128</sup> Sobretudo no que diz respeito ao cap. IX da obra mencionada (págs. 124-148).

Nesse sentido é preciso pôr em relevo que as pessoas e os acontecimentos descritos no *Viaggio* são vistos numa outra perspectiva, um pouco diferente da do "Diário Português". É a perspectiva de um "indiólogo" (sic!) que está a criar uma espécie de enciclopédia histórico-geográfica de carácter extremamente publicitário para assim pôr de lado os preconceitos dos europeus relativamente ao supostamente atrasado subcontinente indiano.<sup>129</sup> O que, porém, une o diário (escrito conforme as instruções recebidas da Ordem Carmelita) e o livro de viagens é o princípio de inculturação pelo qual, dois séculos antes, na China quinhentista, lutara o jesuíta italiano Matteo Ricci (1552-1610)<sup>130</sup> - princípio esse que fez com que também Vesdin salvasse a face do cristianismo e do Velho Continente em geral, perante os estadistas e eruditos (bramânicos) da Índia setecentista. É precisamente nisso que consiste o maior mérito desse célebre carmelita descalço cujo bicentenário da morte acabamos de celebrar.

## BIBLIOGRAFIA:

Fotocópia do manuscrito do "Diário" de Ivan Filip Vesdin, escrito entre 16 de Outubro de 1786 e 2 de Março de 1789, Biblioteca Nazionale Vittorio Emmanuele em Roma, n.º 143/32

---

<sup>129</sup> É muito elucidativo o que, desse ponto de vista, Vesdin escreve sobre a superioridade da legislação indiana relativamente à europeia: "O Europei, che pretendete di essere i più savi, i più urbani, i più civili legislatori e popoli del mondo, ite ed imparate le leggi ammirabili degl' Indiani! Il soldato nemico combatte accanto dell' agricoltore senza molestarlo, perchè il suo mestiere è di combattere col soldato, e non coll' agricoltore, che ara e lavora la terra in pro comune di tutti. Egli è il comune benefattore, e non deve esser trucidato. Non si deve appicar il fuoco ai tempi, alle biade, agli alberi, alle case. Non si deve desolare la campagna, non si devono molestare le persone che non influiscono nel merito della guerra. L' umanità deve marciar alla testa dell' armata: finita la guerra devono finir tutti i mali. Queste sono massime che dimonstrano l' umanità, e la vera gloria d' una nazione, e siccome queste massime sono stabilite tra i Gentili Indiani, esse danno alla nazione Indiana il diritto di trattare tutte le altre orientali come barbare, eccettuati forse i soli Persiani, che avevano i medesimi principi." (*Viaggio alle Indie Orientali*, p. 227)

<sup>130</sup> Sobre o assunto v. o livro de Hans Küng: *Existiert Gott?*, R. Piper & Co. Verlag, Munique, 1978.

- Viaggio alle Indie Orientali Umiliato alla Santità di N. S. Papa Pio Sesto Pontefice Massimo da Fra Paolino da S. Bartolomeo Carmelitano Scalzo*, Roma, 1796.
- Bašić, Karmen: *Putnici u Indiju iz naših krajeva*, Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu, Zagreb, 1999.
- Boxer, C. R.: *O Império Marítimo Português 1415-1825*, Edições 70, Lisboa, s. a.
- Franolić, Branko: "Filip Vezdin's Contribution to Indic Studies in Europe at the Turn of the 18th Century" (serija *Nouvelles Editions Latines*), Paris, 1991.
- Jauk-Pinhak, Milka: "Some Notes on the Pioneer Indologist Filip Vesdin (Paulinus a Sancto Bartholomaeo)", in: "Indologia Taurinensia", vol. XII, Torino, 1984, págs. 129-137.
- Jauk-Pinhak, Milka: "Filip Vezdin, De latini sermonis origine", in: "Živa antika", vol. 1-2, Skoplje, 1984, págs. 133-138.
- Jauk-Pinhak, Milka: "Hinduizam u Vezdinovu djelu Systema Brahmanicum", in: *Hrvatske "Indije"* (miscelânea), Društvo hrvatskih književnika, Zagreb, 1990, págs. 247-258.
- Kolbas, Irena: "Na počecima", in: *Hrvatske "Indije"* (miscelânea), Društvo hrvatskih književnika, Zagreb, 1990, págs. 63-77.
- Križman Mate; Matišić, Zdravka: *Indije i Tibet Nikole Ratkaja*, Sekcija za orijentalistiku Hrvatskoga filološkog društva, Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu, Zagreb, 2002.
- Küng, Hans: *Postoji li Bog*, Naprijed, Zagreb, 1987.
- Matišić, Zdravka: "Od Vezdina do Vezdina", in: *Hrvatske "Indije"* (miscelânea), Društvo hrvatskih književnika, Zagreb, 1990, págs. 215-217.
- Matišić, Zdravka: "Ivan Filip Vesdin (stanje i perspektive istraživanja)", in: *Trava od srca: hrvatske Indije II* (miscelânea), Sekcija za orijentalistiku Hrvatskog filološkog društva, Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu, Zagreb, 2000, págs. 553-569.
- Mrkonjić, Tomislav: "Velikan hrvatskih korijena", in: "Glas Koncila", n.º 8 (de 19 de Fevereiro de 2006), p. 18.
- Saraiva, José Hermano: *História de Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1993.
- Slamnig, Ivan: "Filip Vezdin (1748-1806), pionir evropske indologije", in: "Rad Jugoslavenske akademije znanosti i umjetnosti", livro n.º 10, Zagreb, 1968, págs. 550-554.
- Slamnig, Ivan: "Ivan Filip Vesdin (1748-1806), pionir evropske indologije i komparativne filologije", in: "Građa za povijest književnosti hrvatske" n.º 33, Zagreb, 1991, págs. 1-28.

Artigo sob o título "Tomini kršćani zaslužuju divljenje", publicado no suplemento do semanário católico croata "Glas Koncila" n.º 12 (de 8 de Janeiro de 2006), p. 12.

Prefácio ao livro: Paulinus a S. Bartholomaeo: *Dissertation on the Sanskrit Language* (a reprint of the original Latin text of 1790, together with an introductory article, a complete English translation, and an index of sources by Ludo Rocher, University of Pennsylvania, Philadelphia, Pa.), Amsterdam, John Benjamins B. V., 1977.

Prefácio ao livro: Fra Paolino da San Bartolomeo: *A Voyage to the East Indies*, London, 1800.

*Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Ed. Século XXI), Editorial Verbo, Lisboa-São Paulo, 1998.

## HRVATSKI "INDOLOG" IVAN FILIP VESDIN (1748-1806) I "PORTUGALSKE INDIJE"

Članak govori o velikom europskom "indologu", gradišćanskom Hrvat Ivanu Filipu Vesdinu (1748-1806), poznatijem pod redovničkim imenom Paulinus a Sancto Bartholomaeo. Najveća pozornost pritom se pridaje njegovu "Portugalskom dnevniku" nastalom u razdoblju od 15. listopada 1786. do 2. ožujka 1789. tijekom autorova boravka u Indiji (na Malabarskoj obali). Osobe i događaji opisani u spomenutom rukopisnom dnevniku uspoređuju se s osobama i događajima opisanim u Vesdinovoj najpopularnijoj i najčitanoj knjizi - *Viaggio alle Indie Orientali* (Rim, 1786). Zaključak do kojega se dolazi jest da postoje zanimljive podudarnosti između oba navedena djela.

*Palavras-chaves:* Ivan Filip Vesdin, "Diário Português", *Viaggio alle Indie Orientali*, Índia setecentista

*Ključne riječi:* Ivan Filip Vesdin, "Portugalski dnevnik", *Viaggio alle Indie Orientali*, osamnaestostoljetna Indija

Nikica Talan  
Departamento de Línguas Românicas  
Faculdade de Letras da Universidade de Zagreb  
Ivana Lučića 3  
10000 Zagreb, CROÁCIA  
ntalan@ffzg.hr